



VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Orgão da Pia União e do Pão de S. Antonio,
e Boletim da Ordem Terceira de S. Francisco

Approvada e abençoada por S. S. o Papa Leão XIII,
por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Cardeal Jacobini,
Rev.º Arcebispo Primaz,
Arcebispo d'Evora, Patriarcha das Indias, Arcebispo do Algarve,
Bispo de Meliapor,
Rev.º Padre Geral dos Franciscanos, etc.



BRAGA

Typ. de J. M. de Souza Cruz

102, R. Nova de Souza, 106

1898

CARTA A UM PORTUGUEZ NA ITALIA

SUMMARIO: — *Circular da L. . . M. . . Regeneração. — Manifesto do Gr. . . O. . . Lusitano. — Pro-testo da L. . . Regeneração contra o manifesto do Gr. . . Or. . .*

Meu caro amigo:

Uma das afirmações mais repetidas pelos or-gãos da maçonaria é a *sublime fraternidade* que reinou sempre entre os collegas tres pontinhos. O que seja a fãõ decantada e philantropica fraternidade d'elles está o meu amigo farto de o ver ahi na Italia, com esses continuos disturbios, scismas e *sonecas* que a todo o momento se veem entre os frac-mações italianos; facto que se repe-te onde quer que pôê pé e lança raizes este mal-dito escalracho, de que Deus Nosso Senhor nos defenda.

Por aqui... a mesma cousa, para variar. E, a proposito, chegaram-me ás mãos cousas velhas, mas authenticas, com as quaes se demonstra o en-cendrado amor dos *manteigudos* e philantropicos irmãosinhos. Trata-se nada menos que de umas manifestaçõesitas de fraternal amor entre os col-legas. . . Mas leia o meu amigo, que fallam mais e melhor documentos que palavras.

A R. . . L. . . Regeneração N.º 500, Ao O. . . de Lisboa, A todos os MM. . . do W. . . S. . . V. . . F. . .

«Tendo esta Resp. . . L. . . officiado ao S. . . G. . . O. . . L. . . em data de 15 do sexto mez do anno da N. . . L. . . 5821 exigindo uma satisfação pelas offensas commettidas por alguns membros das outras officinas, e até do G. . . O. . . L. . . contra a dignidade e decoro d'esta Resp. . . L. . ., e não se tendo aquella S. . . C. . . até hoje dignado responder-nos; pelo contrario teem accrescido as in-vectivas contra esta R. . . L. . ., acompanhadas do *fel da intriga*, (*ah!*) e da *sedução*, (*oh!*) e ameaçando até os dignos obreiros, de que se compõem, da *perda dos seus empregos civis e militares* (*que phi-lanterropia!*), se continuarem em NN. . . trabalhos.

«Cumpro portanto a esta R. . . L. . . protestar perante toda a Maç. . . do W. . . contra procedi-mentos tão contrarios a homens honrados e virtu-osos: (*Naturalissimo!*... *la camorra più infame che ci sia al mondo!*) contra a sedução, e illicita-ção de seus obreiros: contra qualquer ataque feito directa ou indirectamente contra seus filhos: assim como protesta a R. . . L. . . Regeneração pela falta de resposta ao officio mencionado; contra toda e qualquer deliberação tomada pelo S. . . G. . . O. . . L. . . contraria aos interesses physicos (*que se-rão interesses physicos?*) e moraes d'esta Res. . . Officina sem que para isso seja ouvida.

«Feito n'um *logar occulto*, só destinado a amar a virtude, (*a calunnia*, o odio, a *perturbação e o assassinato*), e a aborrecer o vicio (*a ordem*, a *paz*, a *obediencia e o respeito pelo que ha de mais sagrado*) aos 19 do 7.º mez do anno da N. . . L. . . 5821.

Por mandado da Resp. . . L. . .

Voltaire, Sec. . . Adjuncto. . .

Imagine o amigo que verdades têm as affir-mativas de certos mações, que tanto inaltecem a philantropica união dos senhores franc-mações; e, para não sahir cá d'esta Parvonia Occidental, que verdade assiste aos hyperbolicos elogios que á maçonaria faz a «Luz» de Lisboa. *Labora pro domo sua*, não admira. Mas dirá ella que os mem-bros de uma loja não representam o sentir de toda a chafarricada. D'accordo, e ainda mais, se bem quizer; mas leia o amigo alguns retalhos do que o *grrrande oriente* respondeu á tal loja; um pri-mor de *delicadeza e fraterna urbanidade*. Ora leia, e admire.

• A G. . . do S. . . A. . . do U. . .

«RR. . . SS. . . P. . . A vossa reunião em Con-gresso Geral, vae marcar nos fastos da maçona-ria lusitana a época mais abalisada:... Esta su-blime Camara, dolorosamente constrangida por uma incrível fatalidade, não pôde eximir-se, nem poupar-vos ao incommodo de vos reunir n'este sa-grado recinto... Ella tem hoje o afanoso mister de vos patentear, com a franqueza... de quem preside aos destinos da maçonaria lusitana, o *quadro horroroso da intriga, da sizania, da calunnia, da irregularidade, da anarchia e da discordia*. (*Que bello retrato dos collegas. . .!*) Sim, CC. . . Irmãos, e RR. . . SS. . . LL. . . RR. . . ☩☩. . . o genio do mal... constitue um capitulo monstruoso, erigindo-se em desposta (*que bella igualdade!*): aggregou ao seu partido mais seis ou sete Mell. . . corrompidos e perversos, que auxiliam iniquamente as suas ma-chinações, tramas e perfidias; e d'este foco de atrocidades nasce o nefando scisma, que ousa temerariamente emprehender derribar o grande Templo, usurpar o grande Malheta, e constituir-se arbitro da Maçonaria Lusitana. (*Questões de pennacho, entre apregoadores da fraternidade*.) A ima-ginação se horrorisa com o hediondo apparatus de tantas iniquidades, crimes e torpezas. (*Pois já se vê*). Esta sublime Camara... julga de sobejo, para firmar as vossas opiniões, o descrever succin-tamente o pessimo character pessoal dos misera-veis, obscuros e tenebrosos individuos, que ousam atrevidamente revoltar e seduzir os RR. . . LL. . . de toda a Maçonaria Lusitana... (*E' o caso do tacho a dizer á certã — tira-te para lá, não me en-farrusques*.)

«A Grande Dieta... em 1815... *dirigiu-se...* ás RR. . . LL. . . do seu circulo, propondo-lhes a necessaria medida de annuirem a que os nomes dos grandes dignitarios ficassem a coberto do co-nhecimento do povo Maçonico, e sómente ao al-cance de seus Veneraveis e Representantes, que com elles deviam concorrer nas altas Camaras. (*Os grandes criminosos occultam-se sempre. D'agui se infere que os verdadeiros dirigentes não só são ignorados dos profanos, mas até da infima rali ma-çonica. Por isso é que, por vezes, pessoas aliás hones-tas e constituídas em certa posição, servem de espant-alhos, mas obedecem ás ordens de verdadeiros assassi-nos. Mas ouçamos o que diz o Gr. . . O. . . dos princi-paes cabeças de motim*.)

«Nomeou-se uma commissão, a fim de a pre-pararem e offerecerem depois á discussão e san-ção da Gr. . . D. . . Esta commissão era composta dos RR. . . II. . . G. . . 2.º Vig. . ., G. . . Orador e G. . . Chancellor, que em mui breve tempo aprompta-

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

SUMMARIO

- A Cruz.
- I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: — A. V. Ordem Terceira e o individualismo — Leão XIII e a Ordem Terceira — Acção da V. O. Terceira: França — Terra Santa — Chypre, — Republica Argentina — Santo Protector — Indulgencias, etc.
- II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Vida de Santa Rosa de Viterbo (continuação) — Pensamentos — Anecdotos.
- III Parte — LEITURAS AMENAS: Diz o jornal . . .
- IV Parte — CULTO DE SANTO ANTONIO — Novos Membros da Pia União — Braga — Lisboa — Villar — Angra — Brazil — Recommendações — Os nossos defunctos.
- V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: Quadros biblicos (conclusão) — Scenes do Calvario — As Irmãs Missionarias (*poestas*) — Bibliographia — As nossas illustrações.
- VI Parte — Visita pastoral do Em.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha a Palmella — CHRONICA UNIVERSAL — VARIA.
- Gravuras: O Bom Jesus do Monte — Reservatorio de Hebron — Annunciação da Virgem — Convento da Arrabida.

A CRUZ

DA dezenove seculos que o sangue divino do Homem-Deus lhe imprimiu a consagração indelevel, que a destinava para ser o instrumento da mais estupenda revolução que nunca viram os seculos.

E' noite. Pelo calvo cerro que domina a cidade santa, reina agora o silencio grave e magestoso, que é o desfecho das grandes tragedias. Aos meigos clarões da lua e ao brando lucillar das estrellas, avultam, lá no cimo, as fórmas nuas e simples d'uma cruz, que ainda gotteja quente o sangue d'um justicado, cujo cadaver d'ella foi agora descido a fim de lhe serem prestados os derradeiros cuidados que se dispensam ao que adormeceu no somno eterno. A'quelle madeiro estão vinculados os destinos do

universo. Do alto da montanha em que está arvorado dominará um dia o mundo. A cruz da ignominia será o tropheu da victoria.

Jesus havia dito: «Vinde todos a mim, vós os que padeceis e sois opprimidos, que eu vos alliviarei». E as turbas, do fundo tremedal em que se revolviam, accudiram ao amoroso convite, correram para o lenho salvador, e em volta d'elle se estreitaram n'um sublime amplexo de amor fraternal

Foi a aurora d'esse immenso triumpho, que dura ha dezenove seculos, perpetuando-se de idade em idade, sem que os esforços conjurados do inferno hajam podido nunca travar sua marcha ovante, do Gólgotha ao Capitolio, do palacio dos Cesares ao seio das modernas civilizações.

Debalde se empenha a synagoga, logo á sahida do Cenaculo, por suffocar no berço a debil planta da Igreja nascente: os anciãos do synedrio hão de confessar a sua derrota, porque lá no cume do Calvario é

hasteada a Cruz salvadora, como atalaia de protecção celestial.

Levante-se, embora, o colosso romano, e arme os velhos legionarios de suas cohortes para tentar o exterminio dos discipulos do Crucificado. Porfiada será a lucta, mas a victoria decisiva. Para derrubar a Cruz será mister passar por sobre os cada-veres de onze milhões de martyres; e os veteranos, encanecidos nas guerras, coroados com os louros viridentes de mil victorias, elles que levaram á capital do mundo as nações do universo algemadas a seu carro de triumpho, succumbem na refrega: depõem as armas e capitulam, entregando-se á discreção do vencedor. Sobre os escombros do paganismo derruido surge triumphante a Cruz do Galileu, arvorada no alto do Capitolio, por sobre o solio dos Cesares, e na corôa que cinge a fronte dos senhores do mundo.

Volvidos annos, a Egreja tem de arcar, corpo a corpo, com as hordas selvagens que as florestas da Germania e da Panonia vomitam sobre a velha Europa. O embate é formidando, mas o Lenho augusto lá está jorrando inundações de luz, a dissipar as trevas da barbarie que anoitecia o espirito d'aquelles barbaros.

A Cruz triumphou então, — como triumphou, seculos adiante, das perseguições ferozes que lhe moveram os novos tyrannos, em que se incarnaram os instinctos sanguinarios dos Neros, Domicianos e Julianos, — como triumphará sempre, porque a Cruz é o christianismo, e o christianismo é a obra de Deus.

Sim: a Cruz ha de triumphar sempre, porque é a esperanza do futuro, assim como é a gloria do passado; a victoria será d'ella.

A Cruz ha de triumphar, porque os modernos tyrannetes não são mais poderosos que Nero, nem mais sanguinarios que Domiciano, nem mais refohados hypocritas do que Herodes, nem mais sabios e erudi-

tos que os anciãos do synedrio, os philosophos do Areopágo, os tribunos e declamadores do *forum*.

A Cruz ha de triumphar sempre, porque tem certa a promessa do seu Christo, cuja palavra não faltará.

Não desfalleça a nossa fé: corramos para a Cruz, abracemo-nos com a Cruz, triumphemos pela Cruz. E' este, sem duvida, o espirito com que a Egreja quer que seus filhos assistam á commemoração dos mysterios augustos que n'estes dias nos recorda.

A Cruz — torno a dizer, — é o christianismo, e sem ella não se póde conceber o christão. E', porém, mais do que emblema heraldico do escudo de nossas armas: é uma realidade bem positiva na vida de cada um de nós. Acompanha-nos do berço ao tumulo, e, ainda depois da morte, é á sua sombra que dormimos o derradeiro somno.

Olhemos, então, para o Calvario, e sentiremos sobejar-nos o esforço e o animo.

Olhemos para o Calvario, e saudemos a Cruz, que é a nossa vida, a nossa victoria e o nosso triumpho.

Saudemos o lábaro sacrosanto, com a sua gloriosa epopeia de 19 seculos de beneficios á humanidade.

Saudemos o luminoso pharol, que nos indica o roteiro do progresso e o trilho glorioso da verdadeira civilisação.

Saudemos o symbolo augusto d'uma crença de amor, de paz, de fraternidade, á sombra do qual os homens são felizes ha mil e novecentos annos.

Saudemos a égide protectora, que foi collocada á cabeceira de nosso berço no dia em que sahimos das aguas santas, puros e sem macula, envergando a tunica roçagante da graça; — que nos ha de acompanhar e esforçar nos dias agros e difficeis de nosso peregrinar sobre a terra; — que, na ultima jazida, alfim velará pelo eterno repouso de nosso derradeiro somno.

In Cruce salus.



Ordem Terceira

A Veneravel Ordem Terceira e o Individualismo

Direcção social dos Terceiros



HER verdade que a Ordem Terceira conduz á pratica da vida christã e ao cumprimento integral de nossos deveres, todos os membros d'esta Ordem que vivem no mundo, longe de procurar esquivar-se á vida social e publica, devem de ter por dever stricto o trabalhar porque se mantenham seguros na sociedade os principios christãos e a influencia social da Igreja.

O capitalismo, quer dizer, o predomínio injusto do capital, e os abusos que d'elle promanaram são incontestadamente a causa do desmancho social actual. E' por isso que aos Terceiros incumbe a honrosa obrigação de, por via da palavra, da escripta e do exemplo, reformar as idéas falsas e as praticas viciosas tão geralmente acceitas sobre este ponto.

Aos directores das fraternidades pertence estudar minuciosamente qualquer mister dos Terceiros, o como elles se hão de haver na pratica da justiça e da equidade, e ensinar-lhes as regras de probidade que dizem bem a cada estado.

Os sacerdotes, membros da Ordem Terceira, votar-se-hão designadamente ao estudo das regras da justiça e da equidade privadas, para inteirarem os fieis de suas obrigações, d'um modo exacto, preciso e pratico.¹

Se estes votos fossem realisados, a Ordem Terceira seria innegavelmente uma escola de deveres sociaes.

Ora, sendo este precisamente o ponto de nossas aspirações — mostrar que a Ordem Terceira leva á perfeição da vida social pela unidade do ensino e do estudo — é por isso que nos propozemos mostrar com brevidade e clareza :

1.º — O que se deve entender, pela

direcção social que queremos dar á Ordem Terceira ;

2.º — Facilidade d'esta direcção social ;

3.º — Como se poderá effectuar esta direcção.

Esforçar-nos-hemos por evidenciar que esta direcção é o primeiro passo a dar na missão que a Providencia destinou á Ordem Terceira, e daremos ao depois uma summaria exposição do como ella se pôde iniciar.

I

Direcção social dada á Ordem Terceira

Que doutrina se ha de ter ácerca de deveres sociaes? Em sentido latissimo deveres sociaes são aquelles que promanam das multiplas relações cujo complexo constitue a sociedade.

Ha deveres individuaes e pessoases, deveres do homem para com Deus, deveres do homem para comsigo mesmo; ha deveres de familia, deveres da collectividade para com Deus, e sobretudo deveres correlativos dos membros entre si: não tocaremos aqui estas duas ultimas ordens de deveres.

O individuo e a familia são os elementos primordiaes da sociedade, mas não são ainda a sociedade. Esta forma-se entre familias que se agrupam, entre individuos que se encontram, fóra de toda a dependencia de parentesco.

As relações creadas pelos grupos de individuos ou de familias, que passam a vida ao pé uns dos outros, constituem a sociedade.

Estas relações subordinadas a certos preceitos moraes dão nascença aos celebrados deveres sociaes.

Estes deveres, por sua parte, são de diversas especies como as relações de que pendem. Umaz vezes são deveres inteiramente novos que não existiam antes da formação da sociedade: taes são os deveres que resultam das necessidades essenciaes da sociedade, ou do accordão estabelecido para seu governo, deveres sociaes a um tempo civis e politicos.

Algumas vezes os deveres sociaes são uma extensão nova de obrigações pre-existentes, individuaes e de familia; as relações proclamadas na sociedade pela Religião abrem caminho aos deveres sociaes religiosos; outros visarão á perfectibilidade

¹ Votos no Congresso de Paray-le-Monial.

na ordem intellectual, scientifica e moral: outros emfim á ordem economica no que respeita á vida material, necessidades physicas e meios de as encher. Os deveres da ultima classe são precisamente os que nós chamamos com mais particularidade — *deveres sociaes*.

Compreende-se que membros fervorosos da Ordem Terceira se esforcem por fazer prevalecer as verdades da fé na ordem intellectual, e que se assignalem entre os mais avançados na gloriosa campanha de sustentar as bases necessarias da ordem moral. Tambem não duvidamos de que sejam dos primeiros entre os primeiros que trabalham, combatem por restabelecer, na ordem politica e civil, os principios christãos, e por fazer gosar a Egreja do posto e da influencia a que tem direito.

Todavia isto não é tudo, nem ainda o sufficiente: requer-se tambem da bondade dos Terceiros que annunciem bem alto e pratiquem em publico as regras moraes que devem presidir ás condições do trabalho, ás permutas, aos diversos empregos da riqueza.

Regra geral os preceitos moraes que deveriam regular o trabalho são vergonhosamente desprezados: urge esclarecê-los, proclamar-los, sustentá-los com o exemplo.

E' incontestavel que á proporção que o homem se multiplica na terra, mais se lhe alargam os conhecimentos, se abrem as faculdades, se augmentam os desejos, e por consequente menos se basta a si mesmo, e mais reclama o consorcio de seu semelhante.

Uma organização mais complexa da sociedade, sob o ponto de vista da vida material que d'ella resulta, suppõe tambem deveres mais numerosos, mais delicados, mais variaveis: ora taes são os deveres que nós dizemos de preferencia deveres sociaes, quer dizer, os que visam a interesses economicos, á producção, ao emprego das riquezas, e se o quereis, á riqueza e ao trabalho.

Se é verdade que as regras moraes que presidem ás condições do trabalho e ao uso da riqueza se fazem, com o progresso da civilização material, mais complicadas, submettendo-se a novos reviramentos, modificando-se com as circumstancias, tambem é certo que ellas vão de encontro ao interesse privado, matando-o. Mais cega ainda que o amor, a ambição é a mais egoista das paixões humanas.

O amor da verdade facilita admiravelmente o cumprimento do dever na ordem intellectual: o sentimento, o enthusiasmo, a fé, sustentam a religião; a ternura dos affectos inclina aos deveres de familia. Os ardores porém da cubiça não pôdem ser reprimidos senão pela consciencia do dever.

Requer-se pois aqui sobretudo um ensino firme, preciso, cheio d'auctoridade.

Mas nós não reclamamos tão sómente um ensino social: propomos uma direcção.

Direcção quer dizer algo de menos theorias, e de mais pratica que o ensino.

Direcção quanto ao seu objecto denota alguma coisa mais completa, adoptando a um tempo as obrigações e os conselhos, não se preocupando com distincções entre aquellas e estes, apontando o que se deve evitar, o que se tem de fazer, o que é bom e digno da nossa attenção. Direcção abrangue na área d'um ponto fixo toda a conducta moral ainda que não precise o character de cada acto, o seu grau de bondade ou malicia, os pontos de perfeição ou insufficiencia: não se perde, n'uma palavra, em considerações minuciosas e de pouca monta, não se astringe sómente ao necessario, mas verbera o mal e segue o bem em toda a escala da moralidade.

Quanto ao methodo, direcção exprime mais simplicidade e menos rigor; presuppõe uma auctoridade que se regula mais pela convicção que pelos mandatos: exclue todavia a discussão, tende menos a entrar-se das theorias que a arrastar-se pela pratica; mira a um alcance geral e provoca um movimento de forças unidas, sem recorrer a uma exigencia inflexivel, incapaz de piedade para os individuos, e de prudencia em assumptos complicados.

Uma Direcção social na Ordem Terceira é, pois, debaixo d'este ponto de vista, o complexo das regras praticas que os Terceiros devem forcejar por seguir em tudo que respeita ao trabalho, ás empresas, ao commercio, aos negocios, e ao emprego das riquezas.

(*Continúa*)

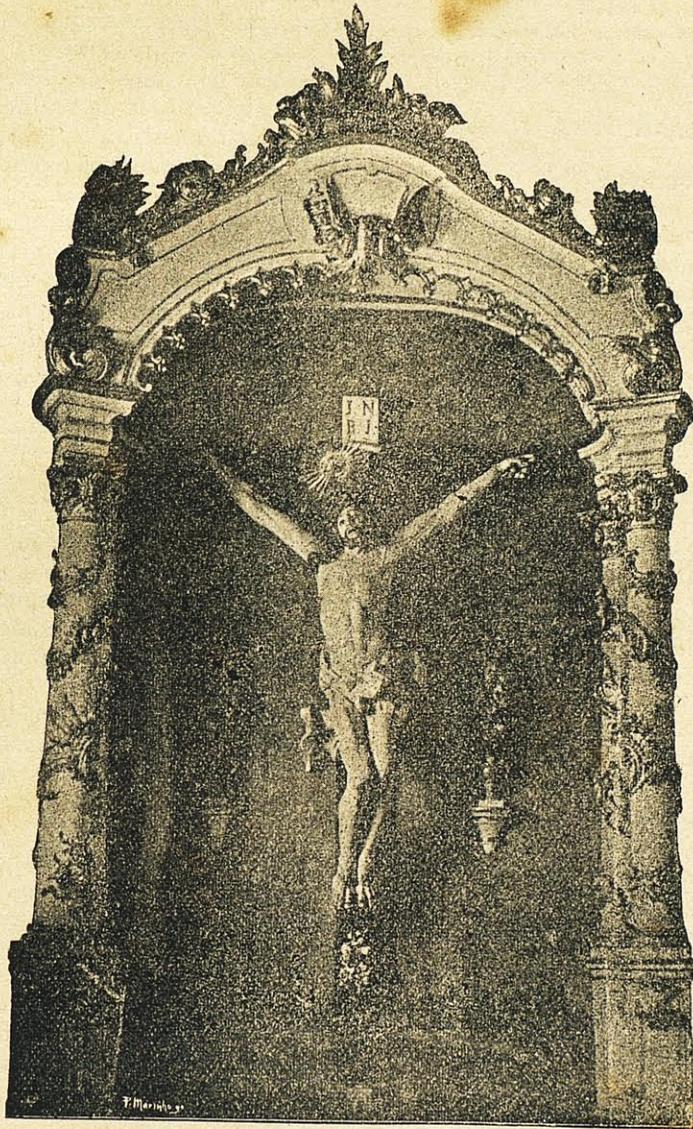
Leão XIII e a Ordem Terceira

Se pretendessemos delinear as feições do grande Pontifice, e acompanhá-lo na sequencia gloriosa da sua actividade, do seu zelo, da sua politica, teriamos de estudar a

fundo o espirito da Ordem Terceira Franciscana de que Leão XIII está embebecido e que a cada passo nos revela, nas encyclicas, nas cartas particulares e nas allocuções.

Ouçamos-lhe algumas das muitas expressões que bem mostram os seus amores

2. *Encyclica-Constitutio «Misericors», 30 de Maio de 1883.* Recommenda de novo a Ordem Terceira, modifica e adoça a Regra primitiva para melhor se adaptar ás necessidades da sociedade actual e ser accessivel a toda a gente de boa vontade. — «A Ordem Terceira, diz o Papa, foi instituida e disposta para a multidão».



O BOM JESUS DO MONTE

para com uma instituição, que grandes sociologos não duvidam reconhecer a chave do enigma da renovação social:

1. *Encyclica «Auspicato», 17 de Setembro de 1882.* Reconhece na Ordem Terceira os remedios para os males que nos affligem ao presente. «Exhortamos vivamente os christãos a que se não recusem entrar n'esta santa milicia de Jesus Christo»...

3. *Encyclica «Humanum Genus», 20 de Abril de 1884.* Verbera a maçonaria, desmascára esta seita perversa, e oppõe-lhe a Ordem Terceira, verdadeira escola de liberdade, de egualdade e de fraternidade christãs.

4. *Encyclica «Quod auctoritate», 22 de Dezembro de 1885.* Annunciando um jubileu extraordinario, o Summo Pontifice recorda a necessidade da penitencia, e assignala a Ordem Terceira como meio de «collocar esta virtude ao abrigo d'uma firme instituição».

— «Uma inspiração divina nos levou a proclamar S. Francisco protector nas calamidades e desgraças presentes, e a mostrar na Ordem Terceira a regeneração da sociedade christã». (Audiencia de 18 de Dezembro de 1884).

— «Ah! a Ordem Terceira Franciscana! Vós bem sabeis quanto eu anhele a sua diffusão. Relembro-a sempre, *fallo n'ella em todas as occasiões*». (Audiencia de 12 de Março de 1886).

— «Trabalhae activamente na diffusão da Ordem Terceira: *é ella que deve regenerar o mundo*». (Audiencia de 5 d'Outubro de 1891).

Accão da Veneravel Ordem Terceira

FRANÇA

O Secretariado do Povo. — E' um dos muitos fructos da effervescencia admiravel da Ordem Terceira na França. Reservando-nos fallar de espaço d'esta sympathica instituição, annunciamos tão sómente aos leitores que, sem ter mais d'um anno de existencia, o *Secretariado do Povo* é coroado já de opimos resultados, mercê dos Terceiros, das Conferencias de S. Vicente de Paulo, e designadamente do Senhor Bispo de Nimes, tambem elle Terceiro, que houve por bem acceitar a presidencia honoraria.

Esta obra tem por fim socorrer os operarios nas difficuldades de situação, ministrando-lhes trabalhos honestos e fecundos para o lucro, ou remettendo-os a patrões de consciencia que na esphera da sua profissão ou nos ramos de seu saber, os encaminhem e occupem nos trabalhos.

Obra Franciscana de Nazareth. — Esta instituição recente, estabelecida em Cagnes (Alpes-Maritimos) sob a protecção e benção de Mgr. Bispo de Nice, evidencia ainda uma vez que a popularidade é uma das feições mais caracteristicas da Ordem Franciscana.

Almas verdadeiramente seraphicas, entradas dos ensinamentos do Soberano Pontífice que quer como S. Francisco reformar a sociedade pela mulher christã, e sanctificar a mulher pela Ordem Terceira, vibraram de commoção ante os perigos a que se arremessa francamente com pobres creanças, expondo-as á corrupção, e conceberam o projecto de remediar estes males, enchendo ao mesmo tempo as lacunas do programma d'instrucção publica.

A obra visa particularmente á formação de meninas segundo os principios do trabalho christão. A administração interna é confiada ás Irmãs Franciscanas da Ter-

ceira Ordem, que não se delimitam a iniciár as meninas nos trabalhos de costura, mas lhes ensinam tudo que diz respeito aos diversos misteres da familia.

Ao mesmo tempo formam sua alma na virtude; ensinam-lhes a simplicidade franciscana e a modestia christã; preparam esposas, mulheres delicadas, habeis, capazes de assegurar a prosperidade da sua casa, e de educar com piedade os seus filhos; procuram emfim fazer da mulher o anjo tutelar do lar domestico.

Tal é em poucas palavras o fim da *Obra Franciscana de Nazareth*.

Pela nossa parte, associando-nos aos encomios de que foi tecida esta obra entre os catholicos francezes, não duvidamos affirmar que ella representa uma verdadeira reforma social, e recommendamol-a a todos os christãos que almejam um futuro prospero.

TERRA SANTA

Jerusalem — Segundo a resenha feita pelo *Saint Antoin's Messenger*, a Ordem Terceira de Jerusalem comprehende 112 membros. Sob a direcção do P. Leão, Religioso Menor, todos os mezes se reúne um Conselho de seis membros para conferenciar ácerca do bom andamento temporal e espirital da Congregação.

Belem — A Ordem Terceira tem aqui 145 membros, sendo 100 irmãos e 45 irmãs. O Conselho das irmãs compõe-se de tres terceiras, e o dos homens comprehende seis membros.

Segundo attesta o *Messenger* os Terceiros do Oriente distinguem-se pelo espirito de oração e pela firme e franca profissão do culto franciscano. O seu exemplo é um incentivo poderosissimo de edificação para scismaticos e infieis.

As Irmãs Franciscanas da Terceira Ordem dirigem ali muitas casas de educação e instrucção.

CHYPRE — *Nova Congregação*

Lê-se no *Eco Franciscano* de Março:

Em Nicosia (Chypre) acaba de sêr estabelecida a Ordem Terceira de S. Francisco, e com muito boas esperanças como de lá nos communicam. De 200 almas que tem a parochia confiada aos frades menores, entraram na Ordem Terceira nada menos que

115, sendo tal o fervor que vae nos neo-terceiros, que os mesmos scismaticos se maraviham.

REPUBLICA ARGENTINA — *Bibliotheca Popular*

Da mesma revista:

A Ordem Terceira Franciscana e Circulo de Obreiros de Catamarca (Republica Argentina) para contrabalançar a influencia de doutrinas e propaganda impia e liberal, conseguiu entregar ao uso publico uma bô bibliotheca popular, com mais de 3:000 volumes de obras selectas.



Santo protector para o mez de Abril

Beato Lucio, primeiro Terceiro. Ao principio commerciante avaro, pôde depois voltar a melhor caminho com a graça de Deus, a ponto de pedir o habito da penitencia ao grande S. Francisco d'Assis. Alcançou o que desejava e praticou no tumulto do seculo as virtudes que se praticam na mais elevada contemplanção no recondito dos mosteiros. Foi elle o primeiro Terceiro Franciscano.

Absolvição Geral

- 1.^a — No dia 3 — Domingo de Ramos.
- 2.^a — No dia 10 — Domingo de Paschoa.

Indulgencias a lucrar

Plenarias:

- 1.^a — No dia 3 — Domingo de Ramos.
- 2.^a — No dia 10 — Domingo de Paschoa.
- 3.^a — No dia 18 — Archanjo S. Raphael.
- 4.^a — No dia 23 — Beato Gil, da 1.^a Ordem.
- 5.^a — No dia 24 — S. Fiel de Sigmaringa, da 1.^a Ordem.
- 6.^a — No dia 28 — Beato Lucio, 1.^o Terceiro.

Parciaes:

Nos dias 2, 3, 9, 10, 16, 17, 23, 24, 198 annos e outras tantas quarentenas.

Nos dias 1, 8, 15, 22, 29, 300 dias d'indulgencia.

Nos dias 23, 24, 28, 256 annos e 50 quarentenas.

Virtudes a imitar

Fortaleza nas tribulações.

Maxima de S. Francisco

Se o servo de Deus gosar de verdadeira alegria do espirito, que vem da pureza de coração e de levar com resignação as tribulações, os demonios nunca lhe poderão entrar.

Oração

Senhor Deus, rico de misericordias, que chamando á penitencia o bemaventurado Lucio, o tornastes insigne pelos dons da piedade e da commiseração; daenos a graça de podermos, por via da sua intercessão e exemplo, produzir tambem fructos de penitencia, e fazei que mereçamos a vossa amisade com obras de piedade e caridade.



SANTA ROSA DE VITERBO

TERCEIRA FRANCISCANA

Sua vida e epoca, por L. de KERVAL

(Traducção)

(Continuação do n.º 14)

CAPITULO V

A missionaria Franciscana

(1247 — 1250)



OU por ventura Rosa á posteridade as producções de sua divina eloquencia? Não. Que admira, porém, se das prégações dos mais celebres oradores da edade média apenas restam algumas syntheses informes e descoloridas? ¹

Possivel nos é, todavia, a par de indicações summarias havidas em documentos indubitaveis, reaviventar seus traços iniciais e caracteristicos.

Rememorava aos peccadores a ephemeridade e vaidade do prazer e os supplicios eternamente duradoiros d'além tumulo; traçava-lhes em lugubres e commoventes quadros as angustiosas realidades da morte, juizo e inferno, — d'esse cahos medonho por onde seu espirito se passara até então nas visões do extasi —... Jamais esqueciam as ignominias e soffrimentos do Calvario, os excessos e delirios da misericordia e amor de Jesus.

Vinham alfim os suspiros do seu coração sobredoirar e fructificar a singela eloquencia de seus labios, e tudo coroar as lagrimas das multidões. ²

De maneira diversa não era que tão candida donzellinha sustia a torrente do luxo, das dissensões, violencias, corruptela e libertinagem da sua terra.

¹ Para exemplo — Santo Antonio de Lisboa, S. Bernardino de Senna, Ollivier Maillard.

² *Acta proc. can.*, (victa et testim.).

Homens e mulheres, jovens e anciãos, nobres e burguezes, negociantes e artistas, todas as classes e dignidades acudiam a escutar essa voz inspirada que publicamente lhes exprobrava seus flagícios. E tão senhoril era seu prestigio, tão sobrenatural sua auctoridade, tão resplendente fulgurava a aureola de sua pureza, — que não havia orgulhoso — por mais que o fosse — que ante ella se não curvasse. ¹

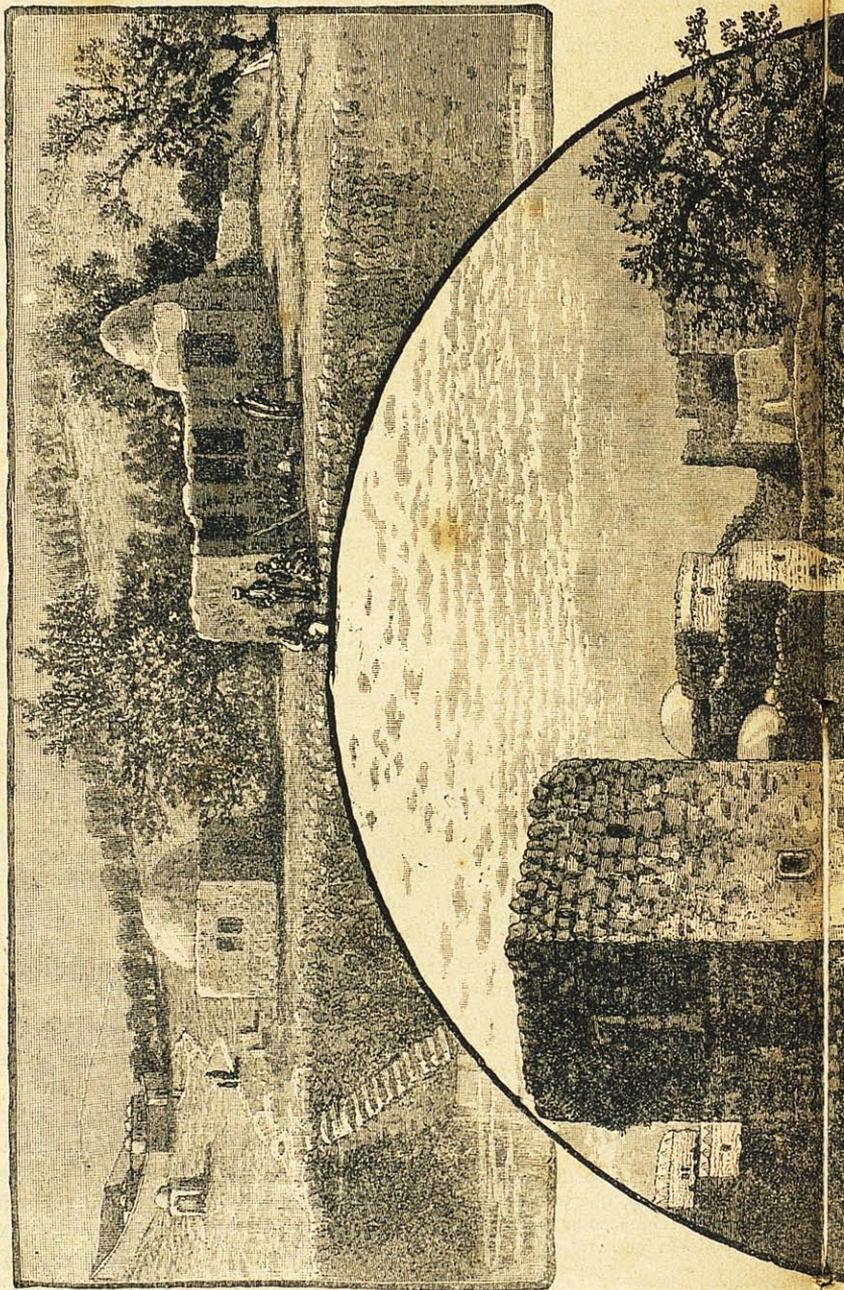
Apologetica, peremptoria e luminosamente expunha — aos hereges — o ensino da egreja, fazendo-lhes maravilhar as harmonias e esplendores da fé catholica.

Provocava frequentemente — testimunha-o o seu processo — publicas controversias, havendo-se n'ellas energica e victoriosamente.

Copia de documentos contemporaneos nos consente entrever o seu mais valente adversario — o manicheismo, — systema tão enredoso, miudo e subtil, que, por vezes, difficil é de colher.

Baseia-se o Manicheismo no antagonismo dos dois principios, na existencia e lucta dos «dois deuses» — bom e mau. O mau creador da materia; o bom dos espiritos, das almas — às quaes não será dado lograr a final beatitude, senão após gerações e transmigrações successivas de corpos em corpos. A materia é a sede e foco do mal; toda a relação com ella contamina, macula. D'aquí era que os Catharos do seculo 13 renunciavam ao matrimonio, condemnavam

a propriedade e approvavam o suicidio. Tudo entre elles eram mixtos de mythos mais ou menos exóticos, mais ou menos illaqueados.



Accresce que seus adherentes constituíam duas cathogorias — «puros ou perfeitos», e simplesmente «crentes». Iniciavam-se por uma cerimonia a que chamavam *consolamentum*, — especie de imposição de mãos

¹ Act. proc. can., (vict. et testim.).

que devia fazer descer sobre elles o «espírito consolador». ¹

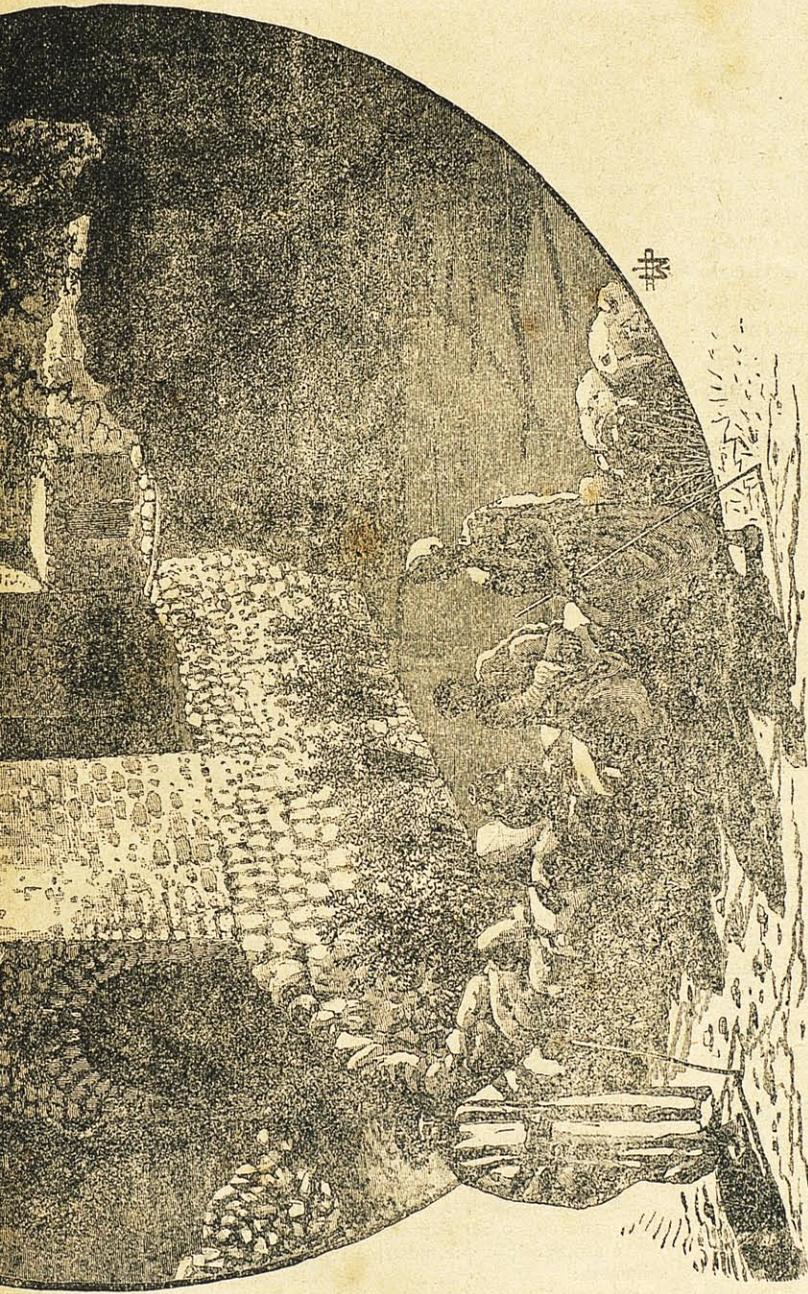
Em suas reuniões secretas entregavam-se a ceremonias e orgias bem semelhantes

às das lojas e outros *franc-maçons* e *luciferianos* actuaes. ¹

Desmascarar taes erros e tão abominandas praticas, cuja pujança lhes provinha da umbrosidade e mysterio que as velava, denunciava ao bom senso e consciencia populares, convencer e persuadir seus partidarios da falsidade, ineptia e torpeza, que as acompanhavam — não era diverso o alvo a que visavam as aspirações de Rosa, nem outro o empreendimento que prosperamente coroava.

N'esta peleja contra o Manicheismo era tal a solidez e energia de logica, tal a força de argumentação, tal a profundidade de sabedoria que ostentava, que todos quantos lhe adheriam de boa fé se confessavam vencidos e pela egreja, e os mais obstinados emmudeciam frementes de despeito e furor. ²

A' sua colera insultuosa e ameaçadora oppu-



RESERVATORIO DE HEBRON

¹ Schmidt, *Hist. des Cathares*. In-8.º, Paris, 1849. — Abbé Dovais, *Les Albigeois, leurs origines, action de l'Eglise au XIIº siècle*. In-8.º, Paris, 1879. — Hurtu, *Hist. d'Inn. III*, liv. 13.

¹ As doutrinas manicheas e catharas encontram-se frequentemente reproduzidas, com maior ou menor esplendor, nas moxinifadas dogmatica e symbolica dos rituaes *franc-maçonicos*. Por outro lado, o *Luciferianismo* ou *Palladismo*, que rege e governa a maçonaria e cuja é chefe actualmente Adriano Lemmi, não é mais — por bem semelhantes — que uma reproducção do manicheismo dogmatico em que *Lucifer* é considerado «deus bom». Póde consultar-se a titulo de curiosidade — Léo Taxil, *Les mystères de la franc-maçonnerie*. — Dr. Bataille, *Le diable au XIXº siècle*. — Dr. Margiotta, *Adriano Lemmi ou souvenirs d'un 33.º* et *Le palladisme culte de Satan-Lucifer*. — Jean Kostka, *Lucifer démasqué*. — De la Rive, *La femme et l'enfant dans la Franc-Maçonnerie*. — Dianna Vanghan, *Memoires*. — *La Revue Mensuelle* (Paris, Delhomme et Briguët, id.) etc.

² *Acta proc. can.*, (vita).

inha a santa, a calma e intrepidez de sua fé; provocava-os a um duello: — a sofrer por suas pretendidas crenças, promptificando-se, por seu lado, a supportar alegremente todos supplicios pela religião do Calvario. ¹ Se tal argumentação era esbulhada do character de verdadeira, de tão sublime e heroica philosophia não era assás comprovativa; ² bem podemos com bem maior causa descrever da authenticidade das discussões victoriosas de Rosa com os he- reges; bem podemos furtar-nos a admittir, que uma pobre filha do povo, que, quando muito, lia, houvesse hobrear, por benevolencia fatidica, com os mais habeis theologos e doutores; todavia as actas do seu processo lembram-nos que evidentemente punha Deus nos seus labios palavras cheias de verdade, envolvendo-lh'as em divinaes esplendores. ³

Seu verbo não era menos inspirado nem menos vibrante contra os partidarios e subalternos de Frederico.

Declarava energicamente em face de seu despotismo, que se os reis da terra empunham o sceptro e o gladio, não é para imperar a sabor de seus caprichos, sim para fundar e distender os dominios da justiça e soffrear as usurpações e ousadias da perversidade; proclamava que o espirital era raias além de sua denominação — e que em vão jámais fôra que o Christianismo submergira no sangue dos Martyres os idolos monstruosos dos Cesares, Imperadores e Deuses por seu turno. E agora que elles reprehendiam sacrilegamente contra o Papado, doutrinava destemidamente ás multidões que ao successor de Pedro cabia a soberania infallivel dos fieis e dos pastores, e como monarcha independente o exercicio de suas funcções supremas, moderar os legisladores, e se imperiosa necessidade o reclamar, desthronar os reis.

Em face das pretensões insolentes do tyranno allemão — escravisar a Italia e aniquilar o poder temporal do Vigario de Jesus Christo, appellava para a independencia legitima dos povos, para a superiorida-

de indescriptivel da justiça sobre a força, para a origem sagrada do patrimonio da Igreja, provindo de livres doações de principes e sancionado por uma posse cinco vezes secular.

(Continúa).

Pensamentos

Philosophia pratica é a razão unida á sabedoria nas acções da vida.

Se os talentos e as acções dos grandes philosophos actuaram muito em seu seculo, este não influenciou menos nas grandes acções e nos grandes talentos.

A rectidão de juizo é o principio de salutarees pensamentos.

Dizem que as sciencias todas são irmãs. Eu direi que, a fallar com propriedade, só ha uma sciencia -- a da natureza.

O espirito humano como não pôde ignorar tudo, nem tudo saber, ancia de continuo descobrir tudo.

(J. E. M. PORTALIS, *De l'Abus*, 1).

ANECDOTAS

Um frade franciscano atravessava com toda a pachorra a ponte sobre o Mondego, em Coimbra. Destaca-se um estudante, e approximando-se do frade, pergunta-lhe com expressão zombeteira:

— Vossa Reverendissima toca viola?

O franciscano sorri com ar bonacheirão, e batendo familiarmente com a mão sobre o hombro do estudante, ao mesmo tempo que responde:

— Não, senhor; toco machinho.

O curioso da viola metteu logo a *viola* no sacco.

+

Primores d'um estylista digno de figurar na *Arcadia* dos novos:

A religião é a brisa suavissima que refresca os ardores do crime;

é a conjunção que estabelece a relação entre Deus e a humanidade;

é o adverbio que se juncta á palavra «vicioso» para a modificar;

é a interjeição que exprime os affectos da nossa alma para com o Sér Supremo;

é a preposição que mostra a relação entre Deus e o homem;

é o verbo que mostra a existencia de um attributo maravilhoso no sujeito Deus;

é a prothese do bem;

é a systole e diastole do coração humano;

é a anthithese do mal;

é a anaphora do Credo em todos os actos da vida;

é a synchese completa das falsas crenças.

¹ *Acta proc. can.*, (»).

² » » » (»).

³ *Acta proc. can.*, (vita). — *Breviario Rom. Serophi.*, 4 de setembro, lições de mot. — *Offic. propr.* concedido á dioces. de Viterbo, lic. de Motin., — in octav.

Leituras amoras

DIZ O JORNAL...¹



Or isto aqui ha annos.

Passava eu então mais fome do que o cão de um judeu. E porisso, não era escrupuloso em aceitar qualquer occupação, fosse qual fosse, com tanto que me proporcionasse alguns vintens. Mas, meus amigos, não deixava eu tambem de ser um tanto affeioado a theatros e circos, e praças, e jogos, á pinguinha e outras coisitas; e por esta fórma não me chegariam nem os milhões de Rostchild.

Ora, como disse, á cata dos almejados vintens, acceptava eu, como vinda do céo, qualquer occupação — fosse qual fosse — comtanto que não pertencesse ao numero d'essas que fazem suar a testa.

Entre outros mistéres, se não muito honrosos pelo menos bem lucrativos, fui uns tempos *engajador* de freguezes para uma casa de batota; e, mercê de propinas que recebia quando me prestava a certos serviços, cheguei a amealhar uns cóbresitos menos maus e consegui assegurar por alguns dias a amizade de uns magros vintens; — e tambem fiz bons ensaios de pernas, quando a policia, por desfastio de suas graves occupaões, se resolvia a fazer-nos lá por casa uma visita sanitaria.

Mas de uma d'estas vezes o caso foi realmente sério: fechou-se a casa, o banqueiro foi dar com os ossos na cadeia, e a mim limpou-se-me o comedouro d'um modo tão completo, que os relógios nunca marcavam para mim a hora de comer.

E assim foram correndo as coisas.

Até que em certo dia topei com um fidalgote que eu conhecera na casa da roleta: baixo de estatura, de rosto esbran-

quiçado, com meia duzia de pellos semeados debaixo do nariz á guisa de bigode, e com um emprego em certo estabelecimento que lhe dava para o prato... e para mais alguma coisa. Offereceu-se elle gentilmente para collocar-me como porteiro na redacção d'um jornal que eu gostava muito de ler, pelas coisas que contava de padres e de beatas, com quem eu realmente não sympathisava. Mas o que ainda mais me enchia o olho era a vidinha folgada que eu iria passar, de costa direita e livre de cuidados.

Fui.

O melhor do meu tempo passava-o escutaúdo uma interminavel algaravia que faziam lá dentro os cento e um *redactores*, com uma linguasinha mais fresca do que uma alface, e afiada que nem uma navalha de barba.

Todas as noites se reuniam no salão principal; e, entre bellas taças de *champagne*, chavenas de café e deliciosos *havanos* iam compondo o periodico que sahia todos os sabbados.

O que figurava como director, posto que o não fosse realmente, era um maltrapido pedante, sem miolo de qualidade alguma nem resto de coisa san no logar onde os outros costumam ter o juizo. Tomava tudo a sério com uma gravidade comica; suave e tresuava para se impôr áquelle bando de pandegos, que se riam d'elle, do periodico, dos leitores e do mundo todo.

«Vamos lá, camaradas — dizia uma sexta-feira o bom do nosso homem, entre as onze e a meia-noite —; dêem-me noticias, que ámanhã tem de sahir o periodico e ainda me faltam tres columnas e meia.

— Eu sei uma gorda... e da qual fui testemunha presencial... E' dar-lhe fórma e mandar para a imprensa.

Hontem estava eu junto da igreja de X... e vi ao parochó entrar n'ella de braço dado com a creada...

— Magnifica!

— Pyramidal!

—... E' verdade que ella é uma velhorra nojenta, capaz de afugentar Satanaz; e, de mais a mais, quebrou o outro dia uma perna, e era aquella a primeira vez que entrava na igreja, apoiando-se ainda a uma mula e firmando-se no braço do padre. Comtudo...

¹ Do que vou dizer não quero de modo algum que se faça uma regra geral. Exponho apenas os processos seguidos, geralmente, quando se trata de forjar escandalos de frades, ou de padres, ou de irmãs da caridade, ou coisa parecida.

— Ora... mas isso não se pôe — interrompeu o director. — Basta a primeira parte.

— Bem, bem. Supponhamos...

— Lá vae outra.

— Dize, Vicente.

— (*Lendo*) «Moralidade dos padres. Tivemos occasião de penetrar na bibliotheca do Vigario de Z. . . , e sem surpresa, pois bem conhecemos já estas aves damninhas — ali fomos encontrar, entre livrêcos em latim, grande numero de exemplares da *Bibliotheca Amorosa*, e outros da mesma côr, com os quaes, sem duvida, entretêm os seus ocios. Agora que nos venham prégar moralidade. . . »

— Superior! — exclamaram em côro unisono entre ruidosos applausos.

— De primeira qualidade! . . .

— Mas tu viste isso? . . . — perguntou um que nada se salientava por sua perspicacia, e que não comprehendia como o Vicente houvesse podido entrar em casa do abbade.

— Qual vi! E's realmente um *beatus-vir*. Aquelles livros, e outros de igual jaez, entreguei-os o outro dia ali a um garoto, para que os vendesse por qualquer preço; e o padre lá tocou os pausinhos de tal modo, que todos lhe foram parar á mão, e com elles fez uma fogueira. Mas eu de algum modo heide vingar-me das artimanhas do jesuita.

— Muito bem apanhada, essa — ponderou o director. — Tens incarnado n'esse corpo um talento de romancista dos quatro costados.

— Que mais noticias ha por ahi, collegas? ha ainda tres columnas a encher — insistia o director.

— Não sei mais nada.

— Nem eu tambem.

— Nem eu. . .

— Pois saibam que não ha mais senão outras duas como estas, o que é muito pouco para contentar os leitores que gostam d'esta secção de *Retratos ao vivo*.

(Se todos são como esses, não são maus retratos! . . . ponderava eu cá com os meus botões).

— Bem. Não ha que enfadar-nos, camaradas — disse o impagavel director, após um momento de silencio. — Vamos lá em boa paz, e nada de perturbar-nos: o que se não sabe, inventa-se. Escreve, Galeno;

vamos ensinar a esta gente como se fazem jornaes :

«**Escandalo inqualificavel.**—Ha tempos que vimos clamando contra o costume clerical de fazer confessar os enfermos, em artigo de morte; entre muitos casos que havemos referido, o que passamos a contar é bem concludente, e uma prova do que temos affirmado. O parochiano de A. . . obrigou um seu parochiano, muito rico por certo, a fazer testamento em seu favor, ameaçando-o com negar-lhe a absolvição no lance da morte em que se achava, e amedrontando-o com as penas do inferno. Denunciamos á execração publica este especulador infame, . . . que afinal de contas não fez mais do que todos os restantes collegas tonsurados. . . »

— Mentira! — bradou um dos circumstantes, que eu via, desde alguns instantes, agitar-se frenetico na cadeira, como se ella tivesse o assento crivado de alfinetes. — Mentira, calumniador atrevido.

Esse padre é meu primo e amigo, e será quanto quizerem, mas é, com certeza, mais honrado do que vós todos juntos; isso que tu dizes, infame, não o pôde elle fazer, nem o fez, nem o fará nunca!

— Mas quem te disse a ti que elle que o fez? — perguntou o director, com uma desfaçatez capaz de excitar ataques de nervos a uma estatua de marmore.

— Pois, se não é verdade, como te atreves a publical-o? — disse o outro, levantando-se da cadeira mais amarello que a cera.

— Homem! não tomes a coisa tanto a sério. Então, pensas tu que fundámos o jornal para dizer verdades? Bem aviados andariamos, e boa propaganda fariamos para nossas ideias e. . . para nossos bolsos. Não queres que fosse o prior de A. . . ? Pois seja o de B. . . De qualquer modo que seja, os papalvos que nos lêem não irão lá investigar o caso, e quanto mais gorda fôr a mentira, mais facilmente será engulida.

.....
Não pude conter-me.

Eu era um vicioso, um perdido, mas tinha ainda um coração honrado; aquillo era mais do que se podia soffrer. Sahi fóra de mim: chamei-lhes embusteiros, calumniadores, falsarios, mentirosos, impostores,

hypocritas, ladrões... quanto me veio á bocca.

Como eram muitos, saltaram sobre mim, que me julguei nas ultimas; peguei d'uma cadeira... e aqui foram ellas... Por fim encurrallaram-me a um canto, d'onde consegui escapar-me para descer as escadas a quatro e quatro, com o corpo mais pisado e cheio de mataduras que uma besta de almocreve.

E hoje, não é por vingança senão para lição que conto esta veridica historia. Sirva ella de escarmento aos incautos, que de leve crêem n'estas calumnias, e em outras peores ainda, sem mais razão nem fundamento senão porque o diz o jornal.

J. PEBE.


CULTO DE S. ANTONIO




Novos membros da Pia União. — Attingem a somma de 114:085, dos quaes 7:660 foram inscriptos depois de publicado o numero passado.

Eis a resenha geral:

Inscriptos até a publicação no numero passado, 106:426; ultimamente inscriptos os seguintes:

<i>Arcebisado de Braga.</i>	6157
Braga	50
Guimarães	699
Valloura	80
V. N. de Famalicão.	96
Povoa de Varzim	544
Villa do Conde	446
Barcellos	4
Adaufe e proximidades.	3:004
Gondifellos	4
Fajoses	17
Ronfe	13
Requião	11
S. João de Brito.	14
Mont'Alegre	9
S. Jorge de C. de Celho	6
Vizella.	4
S. Martinho de Campo	1
Arnil	5
S. João Baptista.	18
Queimadella	9
Guardizella	3
S. Miguel do Monte.	17
S. Torquato	9

Silvares	20
Santa Eulalia de Nespereira	8
S. Miguel de Vizella	28
Cabeceiras de Basto.	11
S. Pedro de Freitas.	12
S. Thomé de Caldellas.	22
S. Thomé d'Abação	9
Mogege	7
Riba d'Ave	1
Serafão	7
S. João d'Airão	5
Vermil.	10
Pedralva	1
S. Faustino de Vizella	1
Villa Nova de Sande	3
Ardegão	36
S. Salvador do Souto	31
S. Martinho de Sande	28
Pousada	1
Anchora	2
Amorim	3
Pedrone	106
Rouças.	6
Santa Maria de Souto	10
Gonce	31
Gondomar.	2
S. Miguel do Monte	5
S. Clemente de Basto	23
Pombeiro	11
Viauna	4
Santa Christina	12
Santo Emilião	11
S. Cosme	5
Villa Cova	43
S. Martinho Candoso	6
Viatodos	4
Gandarella	1
Serzedello.	13
S. Thiago de Candoso	10
Codeços	6
S. Pedro de Roriz	41
Nespereira	21
Garfe	4
S. João das Caldas	10
Athães.	3
Soajo.	3
S. Pedro d'Azurei	25
S. Salvador de Briteiros	6
Sepaes.	12
Louro	8
Corvite	5
S. Thiago de Lordello	15
S. Vicente de Mascotellos	22
S. João Baptista.	13
Santa Leocadia de Briteiros.	35
S. Vicente d'Oleiros.	1
Gulhofe	24
S. Martinho	90
Souto	7
Joanne.	13
Vieira	56
Gondomar.	42
Santa Comba de Fornellos.	28
S. Claudio.	5
<i>Diocese do Porto.</i>	441
Porto	63
Borralha	50
Sobrosa	48

Santa Christina	15
Trofa	58
Lordello	24
Vallongo	8
Campanhã.	3
Santa Comba de Regilde	3
Lostosa.	16
Villa Fria.	11
Victoria	7
Sambriz	3
S. Jorge de Vizella.. . . .	20
Ovar	10
Alvarelhos	3
Avintes	7
S. Romão.	6
Figueiró	2
Pinheiro	2
Jugueira	3
Sandim	7
Casaes.	72
<i>Diocese de Coimbra..</i>	
Leiria.	4
Moimenta da Beira	2
<i>Diocese da Guarda</i>	
Gouveia	8
<i>Diocese de Bragança</i>	
Bragança.	155
Povoa.	15
Villariça.	75
Moncorvo	35
	34
<i>Estrangeiro</i>	
Goa	2
Brazil.	3
Rio de Janeiro	3
França	5
Lyon	5
Hespanha.	11
Barcellona	11
Varias partes	877
Total dos associados	114:085

A bella colheita que se effectuou depois de publicado o numero passado, é devida principalmente aos cuidados do ex.^{mo} sr. Manoel Joaquim de Oliveira Bastos (Guimarães) e ao zelo dos dois missionarios franciscanos que ultimamente deram missão em Adaufe.

BRAGA

Cartas depositadas no mez de Fevereiro, 110, sendo 92 petições e 18 a agradecer beneficios recebidos.

Petições

Meu caro Santo Antonio: — Attendei á nossa afflicção. Se nos fizerdes com que a nossa mãe sare da sua grave enfermidade dar-vos-hemos réis 10\$000 para o pão dos vossos pobresinhos, e mandaremos dizer uma missa no altar que tanto amais.

— Peço-vos, milagroso Santo Antonio, para que toqueis no coração d'um filho desobediente, para que elle venha ao caminho do bem.

— Meu glorioso padre Santo Antonio: — Ve-

inho mais uma vez fazer-vos um pedido, na esperança de ser attendida. Bem sabeis os negocios que trago entre mãos, e as difficuldades que têm apparecido para impedir o bom resultado d'elles. Permitti que eu alcance o que desejo, pois bem sabeis que tudo quanto vos peço é de justiça. Se alcançardes que eu obtenha bom exito das minhas pretensões, prometto dar-vos 300 réis mensaes para o pão dos vossos pobresinhos, e mandarei publicar esta graça na vossa «Voz». — *Uma Vossa dedicada devota — M. S.*

— Meu glorioso Santo Antonio: — Alcançae-me em breve de minha Mãe Maria Santissima, a graça de fazer meu filho verdadeiramente christão e eu vos prometto para o pão dos vossos pobresinhos 500 réis. Oh! meu bom Santo, permitti que em breve eu cumpra. — Torres Novas — *Uma devota vossa.*

— Meu glorioso Santo Antonio: — Peço-vos pelo amor de Jesus, que permittae dar-me a saude que preciso para poder continuar a servir, para assim me sustentar e ganhar os meios de poder valer a minha pobre mãe; e logo que me sinta livre do mal que me tem affligido, eu vos prometto dar 200 réis para o pão dos vossos pobresinhos. — *Uma creada de servir.*

— Uma mãe afflicta vos pede, meu glorioso Santo Antonio, a graça da conversão para seu filho, que vive escandalosamente, e vos promette para o pão dos vossos pobresinhos 1\$000 réis. — Torres Novas. — *C.*

— Meu amado Santo Antonio: — Peço-vos com muita devoção, para que vós me façaes o que vos peço, que é o seguinte: empregar meu irmão, no espaço d'um mez, e no que elle deseje. Se vós, meu amado Santo Antonio, me fizerdes isto, prometto dar-vos uma esmola para o pão dos vossos pobresinhos. Espera ser attendida a vossa muito devota serva — *H.*

— Meu querido Santo: — Desde pequena, quando ainda pouco podia raciocinar, me recordo ter devoção para comvoseo, e era tal a confiança, que, quando implorava a vossa protecção já tinha a certeza de ser attendida; e vós, meu querido Santo, sem duvida, attendendo mais á minha ingenuidade que ás fracas orações que vos dirigia, parece que vos comprazias em despachar todas as minhas petições. Por isso, Santo bemdito, animada da mesma confiança, venho hoje por meio d'este escripto pedir-vos que me concedaeis a graça que vós sabeis e prometto dar 1\$000 réis para o pão dos vossos pobresinhos. — *Uma pessoa devota e assignante da «Voz».*

— Oh meu padre Santo Antonio: — Pelo poder que Deus vos deu de conceder tudo aquillo que vos pedissem, peço-vos a graça de dar saude a uma pessoa que tem pouco juizo. Se em seis mezes se curar serão offerecidos a Santo Antonio 10\$000 réis por uma senhora do Porto.

— Oh milagroso Santo: — Em memoria do dia de hoje, que marca uma das inolvidaveis appareções da SS. Virgem em Lourdes, peço-vos pelo vosso grande amor á Immaculada Conceição, que tomeis debaixo da vossa santa guarda um membro queridissimo de minha familia, que possuindo, como sabeis, uma bella alma, tem uma grande necessidade de vos ter por guia e protector; dignae-vos, pois, de lhe fazer luz n'aquelle espi-

rito, para que conhecendo no que anda erradamente, n'elle se opere, dentro em breve, uma completa mudança no genio e no pensar, para bem seu e dos seus, e sobre tudo para honra e gloria de Deus e sanctificação de sua alma. Peço-vos tambem que lhe restituas a saude de que tanto precisa, e se obtiver de vós tudo que aqui imploro, prometto dar-vos 2\$000 réis para o Pão dos pobres. — 18 — 2 — 98 — *Um membro da Pia União.*

Graças

Meu querido Santo Antonio: — Humildemente vos agradeço o beneficio que me tendes feito em proteger o meu filho, pois hoje está muito feliz, muito crente em Deus e em Sua Mãe Santissima. Peço-vos pois que o continueis a proteger para bem d'elle e para meu bem no ultimo quartel da vida. Fazei, meu querido Santo, que este esteja firme sempre nas suas crenças religiosas. Remetto a minha humilde offerta para os pobresinhos. — 3 — 2 — 98. — *M. J. A.*

— Meu Santo Antonio: — Agradecemos-vos o beneficio de nos terdes dado as esmolas necessarias para comprar a vossa imagem. Agora vos pedimos para nos alcançardes de Nosso Senhor a graça de se estabelecer a Pia União e Pão dos pobres na villa de T.... onde temos esperança que se ha de estabelecer. — *V.*

— Obrigado, meu glorioso Santo. O que eu puder darei. Pedi a Deus que me guie sempre bem no caminho da santa religião que eu adoro, e me dê saude. — *A. G. B.*

— Meu glorioso Santo Antonio: — Ah! vos envio 300 réis para o pão dos pobresinhos pela graça que recebi; peço-vos que protejais sempre a minha familia. — *Barcellos.*

— Oh! glorioso Santo Antonio, Santo da minha particular devoção: eu vos agradeço humildemente a graça que por vossa intercessão alcancei de Nosso Senhor. Meu bom Santo: offereço-vos 1\$000 réis para o pão dos vossos pobresinhos. Continuae a proteger-nos sempre nas nossas necessidades temporaes e espirituas. Amen. — Arcos de Val-de-Vez, 6 — 2 — 98. — *Um vosso devoto.*

— Glorioso Santo Antonio: — Faço-vos entrega da esmola de 5\$000 réis para o pão dos pobres em cumprimento de uma graça que alcançastes a um vosso devoto, pelo que muito reconhecido vem cumprir a sua promessa.

— Meu querido Santo Antonio: — Ah! vos remetto 3\$000 réis por permittirdes que ficasse bem d'quella demanda.

— Meu glorioso Santo Antonio: — Envio-vos 4\$000 réis que ainda não estão bem acabados de ganhar, mas confiada na vossa protecção espero essa fizeza pela gentileza com que vos portaes com os vossos credores. Agueda — *M. A. G.*

— Meu glorioso Padre Santo Antonio: — Já ha muito que vos devia ter agradecido, mas só agora me resolvi, pelo que peço o perdão da demora. Muito reconhecida vos agradeço o livrar-me d'aquelledesastre que tive; ah! vos envio 500 réis que vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos. — *Borralha.*

— Meu glorioso Santo Antonio: — Em cumprimento da minha promessa venho reconhecidissimo agradecer-vos o beneficio de Nosso Senhor, be-

neficio que já não esperava porque ha mais d'um anno que soffro dos olhos e desde que vos pedi apenas soffri 3 dias; porisso vos envio 9\$000 réis que vos prometti para os pobresinhos.

— Meu glorioso Santo Antonio: — Em acção de graças por um favor do céo, obtido por intermedio de Santo Antonio, prometti e dou para os seus pobres a quantia de 3\$000 réis. — *P. B.*

— Promessa de uma senhora da cidade do Porto, 4\$600 réis.

— Glorioso Santo Antonio: — Mando-lhe réis 1\$000 para o pão de Santo Antonio que eu lhe tinha promettido se fizesse que uma pessoa voltasse a Lisboa no anno de 1897. — *Uma vossa devota das 9 terças-feiras.*

— Meu glorioso Santo Antonio: — Venho render-vos mil acções de graças. Hontem mesmo encontrei o alfinete que, a meu ver, foi um verdadeiro milagre; já tinha procurado com a creada, e estava disposta a enviar muito cedo alguém a vêr se o encontrava nas ruas que andei, quando de noite acordei e senti uma coisa que cahia perto da cama de meu filho. Tive então o presentimento que seria o alfinete e depois de rezar novamente a Santo Antonio fui procural-o, e qual foi o meu espanto ao vêr o alfinete no chão ao pé da cama de meu filho. Venho agradecer-vos de todo o meu coração este beneficio grande que vos dignastes fazer-me. 21 — 2 — 98. — *Uma devota.*

— Meu glorioso Santo: — Agradecemos o beneficio que de Deus nos alcançastes. Satisfaço hoje a esmola de 1\$000 réis que vos havia promettido. Alcançae-nos o despacho da segunda petição. — *Zeladora dos pobres.*

— Meu bom Santo Antonio: — Em vista da graça que vós vos dignastes conceder-me, protegendo-me no concurso que fiz para escrivão e tabellião do ultramar, — agradecendo-vos esse alto favor, envio-vos a esmola promettida de 1\$000 réis, para o pão dos pobresinhos. Agueda 9/2/98.

Muitas pessoas enviaram tambem diversas quantias, em agradecimento de beneficios recebidos. Mencionamos as seguintes:

D. Maria da L. de Almeida (Lisboa) 1\$000; R. E. da Graça (Borralha) 5\$500, donativo de varias pessoas; D. E. A. Camões (P. de Ferreira) 300; D. Joaquina da S. Cardoso (P. de Ferreira) 300; J. A. Guerra (Vermoil) 1\$200; P.º J. S. Guerreiro (Silves) 2\$100; P. Abilio J. A. Moraes (Bragança) 1\$500; D. M. C. Queiroz (Portalegre) 1\$000; D. J. Alvim (Lisboa) 100; M. D. Duarte (Lourinhã) 1\$000; Anonyma (C. da Rainha) 200.

De Shanghai (China) foram enviados 5\$000 e não 500 réis como sahio no numero passado.

LISBOA

Centro Parochial dos Anjos

Mercê de Deus, temos continuado a fazer os nossos exercicios de piedade e obras de caridade com o mesmo fervor e grande concorrência de fieis. Em sepoç as terças-

feiras, pelas 8 horas da manhã, houve a missa pelos associados, e de tarde a distribuição do pão a 80 pobres, precedida de pratica doutrinal; na 1.^a terça-feira a recitação da corôa angelica pelos associados defunctos e benção do SS. Sacramento, e no 4.^o domingo, pelas 5 horas da tarde, a recitação do terço de Santo Antonio deante do SS. Sacramento exposto, pratica e benção e canticos. — Como annunciamos, no dia 15 de Fevereiro ultimo celebramos uma festa solemne em honra da Lingua do nosso bom Santo, e para commemorarmos o anniversario da installação da Pia-União n'esta Igreja, que teve logar em igual dia e mez do anno proximo passado. Foi uma festa muito bella e sobretudo muito piedosa. De manhã commungaram muitas pessoas, o que não admira, porque na nossa freguezia todos os dias commungam 50 pessoas e mais, especialmente nos domingos. A's 11 ¹/₂ começou a missa solemne por instrumental, subindo ao pulpito o R. P. José dos Anjos, que fez um bello e substancioso discurso. O SS. Sacramento ficou exposto todo o dia. De tarde, pelas 5 ¹/₂, a orchestra executou um bello hymno em honra do Santo, subi eu ao pulpito e fallei sobre este assumpto: *Porque tanta gloria rendida a Santo Antonio? Porque tanta gloria rendida a sua bendita Lingua? Porque esta tão rapida e maravilhosa extensão do culto de Santo Antonio em nossa epôcha?* » Em seguida cantou-se o Responsorio *Si queris*. a *Ladainha* de Nossa Senhora, o *Te-Deum*, *Tantum Ergo*, o hymno do R. P. Boaventura, terminando com a benção do SS. Sacramento. Foi uma festa esplendida, que nos deixa saudades, e mais que tudo nos afervora e faz crescer no amor para com o Santo querido de Jesus, o filho privilegiado de Maria, o grande amigo da humanidade, o bom pae dos pobresinhos, o Santo Universal, o glorioso Santo Antonio. — No dia 8 de Fevereiro começamos tambem o exercicio das *Treze Terças-feiras*, com o SS. Sacramento exposto e pratica. Em todas as terças-feiras tem havido muitas communhões e de tarde grande concorrencia de associados.

No cofre do pão dos pobres foram encontrados 22:100 réis; no das *petições* foram encontradas 15 cartas pedindo varios favores espirituaes e temporaes, e no das *petições e graças* 8 cartas agra-

decendo differentes beneficios. Eis aqui algumas

Petições

Meu querido Santo Antonio: — Cheia d'afflicção e tambem de confiança venho pedir-vos a vossa protecção para o mal que me afflige, já não tenho forças, mas vós me podeis valer. Pedi por mim, meu bom Protector para que muito em breve me veja livre d'este mal, ao menos no fim da Trezena que agora comecei, para a qual vos peço muito fervor, afim de que no fim d'ella eu me veja adeantada na virtude e amiga do soffrimento, e muito amante de Jesus. Se me alcançardes esta graça prometto-vos muito amor, mandar dizer-vos uma Missa no vosso altar dos Anjos, e 200 réis para os vosso pobresinhos. — *M. A. de J.*

— Bom Santo Antonio: — Supplico-vos que me alcanceis de Nossa Senhora a graça de mudar o genio da M. de o tornar humilde, paciente, e de lhe conceder o que fôr melhor para a sua salvação e para o seu bem temporal. — *Uma indigna Zeladora.*

— Bom Santo Antonio: Rogo-vos me alcanceis a graça de receber os 200:000 réis que me prometteram; se os receber este mez, dar-vos-hei 10:000 réis para o pão dos vossos pobresinhos; se receber 100:000 réis dar-vos-hei 5:000. Se não receber n'este prazo só poderei dar 5:000 ou 2:500 consoante a quantia recebida. — *Uma devota de Santo Antonio.*

Acções de graças

Bom Santo Antonio: — Aceitae a esmola que vos offereci para o pão dos vossos pobres. Agradeço-vos o terdes attendido a minha supplica. Agora novamente vos peço que nunca vos esqueçaes de mim e que me dispenseis o que tanto vos tenho pedido — *paz e alegria* para o meu coração. Alcançae-me o que fôr melhor para a vossa serva. — *D.*

— Milagroso Santo Antonio: — Eu vos agradeço por terdes permittido que voltasse quem eu podia e em agradecimento vos offereço esta pequena quantia para os vossos pobres, por mão da minha afilhada que foi assim que vos prometti; agora só vos peço que ella gose saude e aproveite os estudos que ha-de começar. — *A. M. L.*

— Meu bom Santo Antonio: — Remetto 8:500 réis para os vossos pobresinhos por duas graças que vos pedimos e nos alcançastes. Continuae a interceder pelo despacho das outras e promettemos dar-vos mais alguma cousa para os vossos pobresinhos. — *M. G. E.*

Ha outras acções de graças por outros favores espirituaes e temporaes já recebidos, e outras petições de novos beneficios tambem temporaes e espirituaes. Recommendamos ás orações dos nossos queridos associados as almas de 5 associadas que falleceram, e 4 necessidades muito urgentes.

VILLAR

(Torres Vedras)

Encontraram-se no cofre respectivo 15 cartas: 13 petições e 2 acções de graças:

réis que vos prometti se me alcançasses a cura de uma pessoa. Prometto-vos mais 500 reis se me alcançardes uma graça que eu desejo.

— Meu querido Santo Antonio: — Eu muito vos agradeço a graça que me fizestes em eu achar o dinheiro que se tinha perdido; ahi vos deixo a esmola para os vossos pobres. Peço-vos meu queri-



ANNUNCIAÇÃO DA VIRGEM

— Glorioso Santo Antonio: — Se por vosso intermedio Nosso Senhor for servido que aquella pessoa se confesse e dê signal de arrependimento dar-vos-hei 40 réis para o pão dos vossos pobresinhos. — *Um vosso devoto.*

— Glorioso Santo Antonio: — Vós bem sabeis que eu desejo ardentemente entrar no convento do Varatojo. Amen. — *J. M. J.*

— Meu bom Santo Antonio: — Envio-vos 1:500

do Santo que me ampareis com a vossa portecção. — Villar — *Marianna.*

ANGRA

(Açôres)

No dia 28 de Fevereiro houve na Egreja de S. Francisco d'esta cidade de Angra a benção e a distribuição do pão de Santo Antonio aos pobres.

E' já a quarta; d'esta vez tornou-se o acto mais solemne e apparatuso, por coincidir com o jubileu da Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco, alli erecta, e benção papal reservada para aquelle dia.

Apezar de recente, tem esta devoção augmentado consideravelmente, como demonstra o grande numero de pobres socorridos, sem que a perturbassem em nada os remóques soezes da jacobinagem indigena.

A quem possua convicções religiosas e tenha lido alguns numeros da excellente «Voz de Santo Antonio» não surprehende tal incremento; é uma obra de caridade, desinteressada e sincera, ramo exuberante de seiva da arvore frondosa da religião; tem por isso as benções de Deus: collocada sob a protecção de Santo Antonio tem o condão de electrizar os corações bons e attrahir os indifferentes. E para quem não seja hospede n'esta ilha Terceira, ha outra razão tambem poderosa, embora de ordem secundaria: é que esta obra foi iniciada e implantada alli pelo Reverendo Antonio Maria Ferreira, capitular da nossa Sé. Basta saber-se isto, para se concluir logo que na sua installação se seguiu o plano mais adequado e profundamente meditado, e que o seu fim, inteiramente religioso mira ainda a uma reforma util para a Igreja, nobre e religiosa para a nossa terra.

Educado na convivencia austara e laboriosa do fallecido antistete D. João Maria, o Exc.^{mo} Conego Ferreira tem seguido fielmente a directriz que via executar ao seu chorado mestre e protector; e, embora por vezes mal julgado como elle foi, sabe imprimir em todas as suas obras o cunho do seu genio vastissimo, parece que lhes insufla a sua vida, e as inflamma no seu ardor.

Empreendimento a que se abalance embora futil na apparencia, redundando sempre n'uma colheita de bens e prosperidades inesperadas. Com precisão admiravel calcula as vantagens, prevê os embaraços, predispõe os animos; e quando se decide a dar publicidade aos seus projectos, com a vehemencia de entusiasmo que todos lhe conhecem contém em respeito as opposições systematicas, fructo de prevenções infundadas; e de cada sceptico fórma um crente, de cada timido um arrojado.

A sua prodigiosa actividade, exercitada sempre em empresas de elevado alcance moral, granjeou-lhe foros d'uma individualidade distincta.

Apezar do labutar continuo no jornal, na escola e do pulpito, acha ainda tempo disponivel para animar e favorecer muitas obras de piedade, dirigir outras de propaganda catholica, seguir com vista amiga por toda a diocese os padres seus conhecidos que n'elle confiam; e ainda ao deparar-se-lhe ensejo inesperado, mas visivelmente providencial, restaura o nosso asylo da — Infancia Desvalida, — espanejando-o de velharias, e abrindo-o á luz e á disciplina, e agora intenta fazer reurgir do marasmo e apathia a Ordem Terceira da Penitencia pelo meio tão sympathico do pão de Santo Antonio, para que ella corresponda ao fim alvejado pelo seu Seraphico instituidor, e aos planos redemptores do Santo Padre Leão XIII, que, por meio d'ella quer que o genero humano retorne á profissão da sabedoria christã e ao cumprimento dos preceitos de vida encerrados

no Evangelho! Oxalá que esteja para breve o feliz resultado dos seus esforços, e possamos juntar mais este aos relevantes serviços que lhe deve a Igreja açoriana.

A toda a hora estamos a ouvir recordar datas memoraveis e a citar nomes celebres de que a nossa terra se ufana; é justa essa homenagem ás virtudes civicas dos nossos conterraneos illustres: não nos esqueçamos porém que as tradições religiosas são entre nós as de maior brilho, e nos garantem uma certa preponderancia, que as outras ilhas invejam, e que o progresso moral é factor indispensavel da solida grandeza e verdadeira civilisação. E como é falsa a moral divorciada da religião, os que mais se empenham em tornar esta conhecida e reverenciada, não merecem menos, senão que sobrelevam em direito a nossa gratidão e louvor.

Angra—3—3—98.

PADRE MANOEL NARCIZO DE LIMA.

BRAZIL

(Porto Alegre)

O zeloso director, snr. Conego Bittencourt, communica-nos o seguinte, em carta de 15 de Fevereiro:

«A nossa obra prospéra prodigiosamente, e já se acha identificada com este povo!

«As listas de donativos em cumprimento de graças, suffragios, anniversarios e particulares intenções, que publico todos os domingos, no valor de cem, duzentos e muitos mil réis, provam que a piedade christã só por si sustenta a obra».

Na mesma carta recebemos o boletim relativo aos ultimos quatro mezes do anno findo. D'elle transcrevemos os periodos seguintes:

«No relatorio do 2.^o anno apresentado a 15 de Agosto mostrei a receita de 9:129\$660, a despesa de 4:528\$100 e o saldo de 4:647\$260: ficando recolhido ao Banco da Provincia 3:500\$000 e em caixa 1:147\$260.

Nos quatro mezes decorridos de Setembro a Dezembro subiu a 8:760\$560, inclusivé aquelle saldo, a despesa a 2:939\$030, sendo o saldo a favor de 5:821\$530, tendo já recolhido ao Banco e á Caixa Economica 5:500\$000 afora os juros respectivos não escripturados na receita, notados sómente nas cadernetas; de sorte que além da despesa, que cresceu sempre, foi recolhida a quantia de 500\$000 mensaes.

Durante esse tempo, distribuiram-se 7:980 pães, 268 peças de roupa, 693\$000 a titulo de alugueis de casa e os mais auxilios sob diversas denominações. Renóve e lembro ás Exc.^{mas} familias o pedido de roupas servidas e aos Snrs. negociantes de fazendas, mesmo em retalhos, calçados, chapéus etc. Assignalados serviços têm prestado á Rouparia dos pobres as familias matriculadas!

Recebi donativos com declaração de cumprimento de graças obtidas 97, por intenções gratulatorias e em suffragios de finados 105.

Fechei o relatório com 207 contribuintes mensaes, de 500 a 10\$000; nesses quatro mezes, apesar dos retirados e 3 finados, subiu a 246.

Desde 27 de Novembro, depois da celebração da missa, com assistencia dos pobres e muitos fieis, foram inaugurados os cofres das petições e graças, sendo abertos no fim de cada mez e publicado o numero das petições, graças e quantias encontradas.

No dia 21 do proximo passado foi celebrado com muito esplendor e edificação o Natal dos pobres, commungando na missa, acompanhada a orgão e canticos, em tenção dos seus bemfeitores, 104 pobres com a mesma intenção, juntandose a elles muitos fieis; o que assás refulgiu o acto.

Depois foram distribuidas esmolas (2\$000 a cada um) pão e registros de Santo Antonio, preparados expressamente com bellos estimulos exarados no verso da bella estampa.

Todos os pobres doentes e impossibilitados de comparecerem, receberam esmola identica, attingindo a somma de 240\$000.

Essa consoladora festa não pesou sobre o cofre da obra, pois os snrs. Julio Fonseca, Virgilio Chaves e Domingos Muntano tomaram a caridosa iniciativa de uma subscrição, que produziu réis 275\$000, além de outros donativos recebidos para o mesmo fim.

Encanta apreciar como em tão pouco tempo a piedade christã se tem desenvolvido acceitando, amparando e sustentando essa obra.

Effectivamente, isto é mais que surpreendente: é humanamente inexplicavel!

Felicitando cordealmente o nosso amigo, snr. Conego Bittencourt, fazemos votos para que a sua obra vá prosperando como até hoje, e para que Nosso Senhor continue a abençoar os seus trabalhos e súoeres.

De procedencias diversas :

Graças a Deus e a Santo Antonio, recebi o beneficio que pedi. Nos annos anteriores tinha dois ataques annualmente que me levavam á cama, — porém, em todo o anno de 1897 e até hoje não tive nenhum, pelo que se torna bem patente o beneficio, e por isso alegremente distribui pelos pobres o pão que prometti. — Leiria — P. A. F. C. F.

— Uma devota de Santo Antonio prometteu a Santo Antonio que, se lhe concedesse uma graça que muito desejava, a mandaria publicar na «Voz de Santo Antonio». Como alcançou o que desejava, cumpre d'este modo a sua promessa. — Nordéste (Açores).

— Meu querido Santo Antonio: — Agradeço-vos muito as melhoras que me tendes concedido e peço-vos que me alcanceis a cura radical e completa da minha gravissima doença. Perdoae a pequena esmola que vos mando. — (Inclusa era a esmola de 100 réis) — *Um doente.*

— Em um dos dias de dezembro vi minha presada mãe á lucta com a morte, victima de continuos ataques de falta de ar e grandes afflicções; e eu no meio da minha ancia de afflicção recorri á protecção de Santo Antonio e prometti-lhe que, se por sua intercessão me concedesse a graça de cessar a falta d'ar e as afflicções, e de conservar a vida a minha cara mãe, eu lhe mandaria celebrar uma missa em sua honra e louvor e que mandaria publicar a graça alcançada; prodigio admiravel! Poucas horas depois cessaram os males e hoje graças a Santo Antonio e a Deus ainda vive.

Já mandei celebrar a missa e venho n'esta occasião rogar se digne mandar publicar esta graça. — Nordéste (Açores) — J. E. Machado.

— Milagroso Santo Antonio: — Prometti-vos 500 réis para o pão dos pobresinhos se sarasse da minha perna e me desapparecessem as dôres, que me affligiam bastante, e algumas vezes nem me deixavam dormir; agora pois que me ach' consideravelmente melhor, devido por certo á vossa protecção, ahí vos remetto os ditos 500 réis para os pobresinhos em cumprimento da promessa que fiz, e vos peço, glorioso Santo Antonio, que protejaes e não desampareis a mim e a toda a minha familia. — R. 28 — 2 — 98 — Um leitor da «Voz de Santo Antonio» — J. L. S.

— Meu glorioso Santo Antonio: — Remetto-vos 500 réis insulanos para o pão dos vossos pobresinhos, pela graça que vós me concedestes em julho. — *Um minorista do Seminario de Angra.*

— Meu glorioso Santo Antonio: — Grato aos vossos beneficios, venho trazer para os vossos pobres a pequenina esmola de 1:000 réis — E' pequena, porque mais não posso — Vós o sabeis. — B.

— Glorioso Santo Antonio: — Envio para o pão dos vossos pobres 2:000 réis, em testemunho da minha gratidão. Não vos esqueçais, glorioso Santo, das muitas necessidades, para as quaes imploramos a vossa poderosa intercessão. — M.

— Meu Padre e glorioso Santo Antonio: — Envio-vos 1:000 réis para o pão dos vossos pobres. Agradeço-vos a graça que me fizestes, e espero que continueis a ser meu protector, e a attender aos meus humildes pedidos que vos estou fazendo. Se m'os satisfizerdes como eu desejo, prometto-vos dar 500 réis agora no mez de Abril, e 1:500 no fim de Junho, e fazer tudo mais quanto vos prometti na petição que vos fiz. — Portalegre — *Uma devota de Santo Antonio.*

— Meu glorioso Santo Antonio: — Segundo a promessa que vos fiz, quando me achava em tribulação, envio-vos a inclusa quantia de cinco mil réis, para o pão dos pobres. Rogae e supplicae bemaventurado servo do Senhor, ao Eterno Pae, pelo amor e merecimentos do Sagrado Coração do seu amantissimo Filho Jesus, para que o Brazil se veja livre da diabolica legião de jacobinos, motôra das actuaes calamidades. — *Francisco.*

Rendimento dos cofres do pão de Santo Antonio

Braga: — Durante o mez de Fevereiro 253:990
incluindo uma meia libra e duas libras em oiro.

Transporte.	253:990
Lisboa (Anjos).	22:600
Coimbra.	7:345
Total	283:935

Recommendações

Uma urgente necessidade (Barcellos).

Quatro necessidades recommendadas por um Rev.^o Director Local.†

E bem assim o despacho de todas as petições lançadas nos cofre de Santo Antonio, dependentes do Centro Nacional.



*Pie Jesu, Domine,
Dona eis requiem.
Amen.*

OS NOSSOS DEFUNCTOS

P.^e Fr. Manuel de Santo Angelo

DA ORDEM DOS FRADES MENORES

Nasceu a 5 de Maio de 1833, na pequena povoação de Sardão, no concelho de Agueda. Foram seus paes José Vasco de Souza e Anna Maria de Oliveira, que lhe deram uma educação profundamente christã, coadjuvando assim a sua indole naturalmente docil e inclinada á virtude. Havendo cursado com proficiencia os estudos ecclesiasticos, foi ordenado Sacerdote a 17 de maio de 1856, na idade de 23 annos. Os 12 annos seguintes foram todos consagrados ao serviço das almas, no estado de sacerdote secular, e occupados principalmente no ministerio do confessoriano, com um zelo e ardor que só se extinguiu com o derradeiro lampejo da vida. A 11 de Abril de 1867 o Padre Manoel Vasco de Souza tomava o habito de Franciscano no Convento de Varatojo, satisfazendo assim os ardentes desejos de seu coração que o chamavam ao claustro. Fez a sua profissão simples a 12 de Abril de 1869, e a solemne a 6 de Julho de 1873. Como religioso, continuou a dedicar-se ao ministerio do confessoriano, em que era incançavel.

Até á vespera de sua morte foi sempre exemplar na promptidão e assiduidade com que assistia a todos os exercicios regulares, apesar dos achaques e doencas que trabalharam os seus derradeiros annos. — Falleceu no Convento de Varatojo, no dia 13 de Março na idade de 65 annos, dos quaes 30 passados na vida religiosa. Victimou-o uma pneumonia. — A sua morte foi sinceramente chorada por seus muitos amigos, porque Fr. Manoel de Santo Angelo tinha-os, e dedicados. — Aos nossos Leitores pedimos uma prece especial por sua alma.

*

P.^o Antonio Correia da Silva. (Mezãozinho) — Assignante da «Voz de Santo Antonio» e nosso dedicado correspondente. Era um sacerdote exemplar.

D. Candida Maria dos Desamparados F. Vaz. (Braga) — Estimada tia do Snr. Conego Dr. Fernandes Vaz. Falleceu na idade de 70 annos.

Angelina de Freitas. Religiosa do Collegio do Immaculado Coração de Maria (Braga).

Victoria Lobaco. Noviça da Congregação das «Irmãs Franciscanas Missionarias de Maria» — Falleceu no Convento dos Remedios, d'esta cidade, no dia 19 de Fevereiro ultimo, tendo apenas 17 annos de idade. Os funeraes realisaram-se no dia 20, na Igreja do mesmo Convento, após os quaes foi levado o cadaver ao Cemiterio publico, incorporando-se no prestito a V. Ordem Terceira de S. Francisco e algumas Irmãs da Congregação a que pertencia a finada.

Manoel dos Reis Cadete. (Geraldos, — Peniche) — Falleceu a 23 de Fevereiro passado.

D. Laura Lima de Campos. (Vinhaes) — Associada da Pia União.

D. Marianna Fernandes. (Brazil, — Estado de Minas).

Dr. Francisco Joaquim Machado, Arcediago da Sé de Angra.

Cinco Associadas da Pia União (Centro dos Anjos — Lisboa).

R. I. P.



Quadros biblicos

JOSÉ

(Conclusão do n.^o 14)

V

José, o filho predilecto do velho patriarcha, eil-o encerrado n'uma prisão, em terra estrangeira, sem um consolo, uma caricia, cercado de homens criminosos de altos delictos.

Elle, o arbusto mais delicado e mimoso, que medrava á sombra de Jacob. Comtudo, o seu coração trespassado de angustia encontrava um balsamo santo, erguendo a sua alma nas azas da Fé para esses mundos de infinita luz.

Oh! philosophia! para ti fugimos e a ti imploramos soccorro, diz Cicero; oh! Céu para ti vôa a minha alma, para o regaço de Deus vae o meu espirito, dizia José, ven-

do-se nos horrores de uma prisão, e com a alma tão innocente como a agua crystalina, que suavemente deslisa por entre vergeis de boninas e rosas.

Putiphar, no auge da sua colera, não quiz escutar uma só palavra ao moço hebreu e deixou que a justiça, cega por vezes e sem piedade, cahisse como um raio sobre aquelle que viera ao mundo a cumprir uma missão mais alta do que para ostentar mundanas vaidades.

Entre os muitos prisioneiros notavam-se Echanson e Panetier, officiaes da casa de Pharaó.

A docilidade de José inspirou-lhes a sympathia, e amamvram-o como amigo e conselheiro.

Tres dias faltavam para o anniversario do rei do Egypto; grandes deveriam de ser os festejos, e para alguns dos presos chegaria a hora da liberdade, assim como para outros a sentença cruel.

Um sonho assaltara Echanson, que fôra copeiro-mór; vira um copo com tres formosos ramos, d'onde sahiam botões, e em seguida flores e uvas maduras. Tinha na mão uma taça; pegara n'um cacho, espremera-o, e offerecera-o ao rei.

Revelou ao moço hebreu este sonho e pediu que o decifrasse.

Mas Panetier, padeiro-mór de Pharaó, tambem sonhára que sobre a cabeça trazia tres açafates brancos, que continham toda a especie de pasteis, porém, as aves cahiam sobre elles, devorando-os.

Anciosos supplicavam a José que lhes decifrasse aquelles sonhos, que estavam proximos os annos do rei, e alguma sentença havia de ser decretada.

— Pois bem, ainda que a decifração dos sonhos não é para a razão humana, tão limitada, e só Deus é que póde ler o futuro, comtudo, para satisfazer-vos direi o que os vossos sonhos prophetisam.

Echanson, em tres dias sereis reintegrado no vosso logar e novamente gosareis da liberdade e honra que o vosso cargo vos confere.

Panetier, em tres dias sereis enforcado, e as aves de rapina cahindo sobre a vossa cabeça, vos hão de anniquillar para sempre.

— E's mau interprete, hebreu, pois co, mo havia o grande Pharaó soltar Echanson e eu apenas expiar o castigo? Mas os tres dias se passaram e o copeiro-mór obteve a

liberdade, e o seu companheiro foi pasto dos abutres.

Jurára o official do rei não se esquecer de José, e obter o seu perdão; mas as festas da côrte, a alegria de se ver novamente engrandecido foi-lhe a pouco e pouco apagando da memoria a promessa, e dois annos mais de prisão e de lagrimas ardentes soffreu a innocencia, gemendo sob o peso da perfidia d'uma mulher.

Mas, como diz Lhomond, assim como Deus tirou a luz do seio das trevas, fez nascer a gloria do seio da ignorancia, e a felicidade do seio da desgraça. D'aquelle moço vendido por seus irmãos, victima do vicio e da inveja, d'aquella prisão ao cabo de alguns annos, havia de sahir o salvador do Egypto, e das margens do Jordão até ao Nilo o nome de José havia de echoar como a palavra de Deus, grande, sublime, immortal.

Tambem Pharaó teve um sonho, e tantas vezes repetido, que d'elle fez confidencia a Echanson. Via sete vaccas bonitas e gordas sahirem do Nilo e pastarem na relva das suas margens, e depois surgirem outras sete magras e feias devorando as primeiras.

Então o official de Pharaó recordou-se de José, contou ao rei a prudencia e nobreza do seu espirito.

— Professa outra religião, mas Neiti tem-o sob a sua protecção.

— Manda-o já conduzir á minha presença.

E passados instantes era cumprida a ordem do rei.

— Tu sabes decifrar os sonhos, disse o Pharaó a José; pois bem, explica-me este que constantemente me persegue.

— Senhor, não sou mais do que um escravo do Putiphar, nada sei, entretanto para vos obedecer dir-vos-hei que as sete vaccas gordas symbolisam para todo o Egypto sete annos de prosperidade e abundancia, e as sete magras outros tantos annos de esterilidade. A salvação do vosso povo está na boa administração nos sete primeiros annos.

Satisfaz-me a tua resposta, e desde já ordeno que sejas nomeado Pontemphanea, o que penetra as coisas e lê no futuro.

A'manhã serás proclamado o salvador do Egypto.

E José com a mesma serenidade de espirito com que soffreu todos os reveses, cur-

vou a frente e respeitou os decretos de Pharaó.

No dia seguinte n'um carro triumphal, tendo na mão o anel do rei, coberto de uma tunica de linho fino, e pendendo-lhe ao pescoço um collar de ouro, o filho de Jacob viu um povo inteiro a render-lhe verdadeira homenagem.

Os editaes eram proclamados d'um ao outro angulo do reino, e o hebreu, não obstante estes triumphos, alongava as vistas até á sua patria, e tinha saudades de seu velho pae e de seus irmãos, e depois erguia os olhos a Deus e resignava-se com a sua suprema vontade.

VI

Realisaram-se as prophecias de José.

Sete annos de abundancia foram seguidos pela mais cruel esterilidade.

Os povos temiam uma fome horrivel.

Os celleiros dos particulares estavam vazios; nos campos nem uma flôr: era tudo tristeza e aridez.

Mas a providencia do notavel hebreu tudo remediava.

Nos annos de prosperidade soube guardar os meios para prover aquelles dias nefastos.

Os povos abençoavam o seu talento e bendiziam as suas virtudes.

Era um estrangeiro amado como se fôra um irmão.

A fome, alargando o seu funebre manto, foi até á morada do velho patriarcha.

Os filhos de Jacob, apesar do orgulho que distinguia n'essa época ainda mais as raças, viram-se obrigados a buscar a protecção do povo Egypcio.

— Aqui está o nosso dinheiro, dae-nos pão para a nossa tribu.

Mal sabiam os netos de Isaac que aquelle de quem imploravam o auxilio era o irmão que venderam por vis marcos de prata.

Quiz José experimentar se elles estavam arrependidos da acção que tinham praticado.

Conheceu, porém, como os annos e os infortunios haviam retemperado as suas almas, tornando-os dignos de perdão.

Grande foi a sua alegria quando os abraçou e misturou com as d'elles as suas lagrimas.

Jacob, com toda a sua tribu, veio residir

para Heliopolis, sendo recebido pelo Pharaó com as solemnidades dignas das altas virtudes de José.

Annos depois Jacob, o progenitor das tribus de Israel, descansava no seu tumulo em Hebron.

José, neto de Isaac, é um exemplo de quanto póde e vale o talento alliado á virtude e aureolado pela Fé.

A felicidade dos povos está nas maos dos que, predestinados do genio, têm de velar pelos seus destinos.

O povo hebreu deixou nas paginas da sua historia vultos grandiosos, que se levantam do seio d'aquelles costumes singellos, como grandes estatuas revestidas de uma aura poetica.

COSTA GOODOLPHIM.



SCENAS DO CALVARIO

*Lá vejo a Mãe dolorosa,
Lacrimosa,
Assentada juncto á Cruz,
Fazer dos cançados braços
Ternos laços
Com que aperta o seu Jesus.*

*Solta profundos gemidos,
Tão sentidos
Que repercutem nos ceus!
Como póde ter conforto,
Se já morto
Vê o Filho, que é seu Deus?!*

*Quem não terá compaixão
Da afflicção
D'Esta formosa Rachel?
Vendo está do Filho o rosto
Decomposto,
A bocca cheia de fel;*

*O cabello desgrenhado,
Ensopado
Em sangue, e de pó coberto:
Os membros desconjunctados,
Pés furados,
Mãos rotas, o lado oberto!*

*Triste Mãe! aberta ao peito
Com respeito
O Cadaver sacrosanto;
E as carnes despedaçadas,
Já molhadas
Estão, com seu triste pranto.*

*Mais e mais o aperta ao seio,
Com que anseio!
Está quasi amortecida!
A cada suspiro ardente,
Ella sente
Evaporar-se-lhe a vida.*

*Os discip'los de Jesus,
Que da Cruz
Tinham deposto o Senhor,
Nem já os mesmos parecem;
Emmudecem
A' vista de tanta dôr.*

*A Mãe ao vêr esta gente
Que sómente
Por seu respeito demoram,
Volve os olhos, amorosa,
E animosa,
Diz aos discip'los que choram:*

*« Eia varões lacrimosos,
Que piedosos
Estaes da minha amargura:
Tomae o meu Filho morto
Ide ao horto
Mettei-o na sepultura.*

*O' vós, todos os mortaes!
De meus ais
Tende alguma compaixão!
Em mim vêdes n'esta chora
Mãe que chora,
Sem já ter consolação! »*

D. MARIA JOSÉ FURTADO DE MENDONÇA.



A's Irmãs Missionarias

*Mensageiras do bem! Oh santas creaturas!
Vós todas que levaeis ás terras d'além mar
Allivio para a dôr, e ás regiões escuras
Da consciencia humana o mystico luar,*

*Andorinhas de luz! que em vossa migração
Não procuraes calor, mas ides espargir
O balsamo da fé em cada coração,
E pôr em cada peito a espra'ança no porvir,*

*Irmãs! que praticaes (o vosso nome o diz)
Na terra a verdadeira, e sã fraternidade,
E a miseria cruel sollicitas cobris,
Sobre ella desfolhando a flôr da caridade,*

*Que aos humildes falaes em nome de Jesus,
Que sabeis consolar e tendes o condão
De transformar a treva em páramos de luz,
E pôr almas de neve em corpos de carvão,*

*Que se vos leva à guerra o vosso crú fadario,
Em quanto dos canhões ruge o troante brado,
Generosas rasgaeis o vosso escapulario,
E com elle estancaes o sangue do soldado,*

*Parti! Mas escutae... Irmãs de caridade!
Quaudo pelo sertão vos internardes mansas,
E mostrardes ao negro o trilho da verdade,
E o caminho do bem ás timidias creanças,*

*Quando nos hospitaes à beira do doente,
Anonymo, infeliz, sem lar, e sem familia,
Lhe fordes mitigar a séde, e dôcemente
Acompanhar da febre as noites de vigilia,*

*Dizei-lhe que ha no mundo um canto aben-
[coado,
Protegido de Deus, jardim que a natureza
Floriu, e nos doou p'ra berço perfumado;
Patria de todos nós! A patria portugueza!*

*Onde em claras manhãs a viração do sul
Pelo Tejo se estende em manso espreguiçar...
Em que ha sol, em que ha luz, em que ha o ceu
[azul,
E roseiraeis em flôr nas ribas sobre o mar;*

*Mãe que nos embalou a infancia descuidosa,
Amante que nos enche o coração de vida,
Filha que ha de fechar, com leve mão piedosa,
Os olhos na final, extrema despedida;*

*Ensinae-lhes a amar a terra occidental,
Fecunda mãe de heroes, patria de tradições!
Espalhae pelo mundo a voz de Portugal,
Da patria onde se fala a lingua de Camões!*

CONDE DE SABUGOSA.



BIBLIOGRAPHIA

A Litteratura Grega e Latina — Pelo Dr. Ferreira Deusdado. 2.^a edição. Lisboa 1897.

Este opusculo que revela no Snr. Ferreira verdadeira competencia na litteratura Grega, merece bem ser lido e conhecido, e receberá sem duvida o applauso de todos *quantos tem a honra de pensar*.

Além dos juizos muito exactos que forma sobre o caracter da philosophia grega comparada com as philosophias do Oriente, da idade media, e com a philosophia moderna, falla da grande influencia do hellenismo na civilização geral e do seu valor educativo.

Deplora justamente que em Portugal *um anjo mau* persiga fatidicamente a realisação de um ensino intenso e methodico da lingua grega; mas nós confiamos que a acção efficaz do Dr. Ferreira Deusdado terá virtude para afastar de nós tão pernicioso feitiço!

E' necessario porém antes de tudo que os animos dos nossos jovens se persuadam seriamente ser verdade que, não pôde haver verdadeira erudição sem profundo conhecimento da lingua grega; e que, prescindindo do Evangelho, é pela assidua leitura dos auctores gregos que elles poderão fazer-se aptos para dar honra á patria e occupar dignamente altos cargos, fazendo reviver aquellos nobres sentimentos de generosidade e desinteresse que não subsistem quasi senão nos livros e na historia antiga.

Principios Geraes de Philosophia — Por J. M. da Cunha Seixas. Obra Posthuma. Lisboa 1898.

Este livro que o Snr. Ferreira Deusdado teve a fineza de nos enviar como o procedente, é talvez o melhor livro portuguez n'este genero.

O fallecido Cunha Seixas era um pensador, e este trabalho é verdadeiramente original. Ainda que não concordamos com elle em todas as suas opiniões, a obra é digna do maior elogio e recommendação pela sua originalidade e profundeza. A quem ama os estudos philosophicos dará objecto de profundas e longas meditações.

E' precedido de um esboço d' historia da philosophia em Portugal no seculo 19.^o e da biographia do auctor, escriptos pelo Dr. Ferreira Deusdado, o qual analysa cerca de 60 obras de 50 auctores nacionaes com grande precisão nas apreciações que faz, como é caracteristico do Dr. Ferreira Deusdado, que tão dignamente herdou o espirito altamente philosophico de Cunha Seixas. D'elle, a respeito de Cunha Seixas, poderemos um dia dizer como Vasari diz de Raphael a respeito do seu mestre Pedro Perugino:

«Foi discipulo no principio, para em breve egualar o mestre, e por ultimo excedel-o.»

Os anjos do lar — Versão, 2.^a edição. Livraria Catholica portuense de Aloysio Gomes da Silva, editor, 53 Largo dos Loyos, 54 — Porto.

Modesto folheto de 25 paginas, sobremaneira proficuas e piedosas. Repassadas de verdadeira unção callam fundo no coração e ahi depositam balsamo para muitas dôres, e resignação

para os sacrificios, e alentos para a virtude. A todos recommendamos tão proveitoso e util folheto.

Propaganda Catholica de Peniche — Opusculo 10.^o *Burguezes e proletarios. Leitura Recreativa*. Dous opusculos mensaes, cerca de 1:200 paginas por anno pela modica quantia de 800 réis e pelo correio 850 réis. Todos os pedidos devem ser feitos á administração da «Propaganda Catholica de Peniche».

Relatorio da Conferencia de S. Vicente de Paulo de Braga, 1896-1897 — Continua, como sempre, dando os melhores resultados a prestimosa instituição a que alludimos. A receita foi durante os 12 mezes de 862\$305 réis e a despeza de 484\$180 réis. Se a isto acrescentarmos a importancia de 60 boróas de milho semanalmente fornecidas aos pobres da Conferencia pela instituição do *Pão dos pobres de Santo Antonio*, temos uma receita que não pôde ser avaliada em menos de 1:174\$305 e a despeza em 796\$180 réis.

Digna é da sympathia de todos esta tão caritativa e bemfazeja instituição.

De Sapientia — Ao eminente professor. P. Martins Capella agradecemos a primorosa oração *de sapientia* que no Seminario d'esta cidade proferiu no principio do corrente anno lectivo.

Exposição da Imprensa — A Associação da Imprensa Portugueza no intuito de dar maior brilho ás festas do centenario da India promove uma exposição da imprensa cujo regulamento e programma agradecemos.

Mez de S. José, ou meditações, exemplos, orações, práticas e jaculatorias para cada dia do mez de março — por J. F. H. Oudoul. Publicado com permissão dos Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Snrs. Cardeal bispo do Porto e Cardeal Patriarcha de Lisboa. 5.^a edição, correcta. — Porto, Livraria Catholica de Aloysio Gomes da Silva, Largo dos Loyos, 54. — Encadernado 300 réis.

E' um optimo livrinho feito de molde a entranhar e arreigar mais e mais a devoção ao grande Patriarcho S. José. São mui devotas as meditações, bem escolhidos os exemplos e affectuosas e ternas as suas orações. Aos devotos do glorioso Santo recommendamos este bello livrinho.

Mez de Março, consagrado ao glorioso S. José — Devotas meditações para todos os dias do mez e para a novena do seu patrocínio por A. G. Biscaia. 2.^a edição approvada, recommendada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal bispo do Porto. — Livraria Catholica de Aloysio Gomes da Silva, 53, Largo dos Loyos, 54. — Encadernado 300 réis.

Como o antecedente entende tambem promover o culto do Protector da Igreja e Pae Putativo de Jesus n'uma serie de meditações acompanhadas de exemplos e seguida de diversas orações.

Carta Pastoral do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo d'Evora — Escripta n'uma fórma primorosa e ao mesmo tempo singela como convem

ao fim a que se dirige, encerra preciosos ensinamentos dictados por um zelo apostolico derivando d'um coração todo paternal e bondoso. Não esconde as chagas nem as ulceras da nossa sociedade, mas se as descobre é para lhes apontar o remedios que convem applicar aos males de que muito enfermamos.

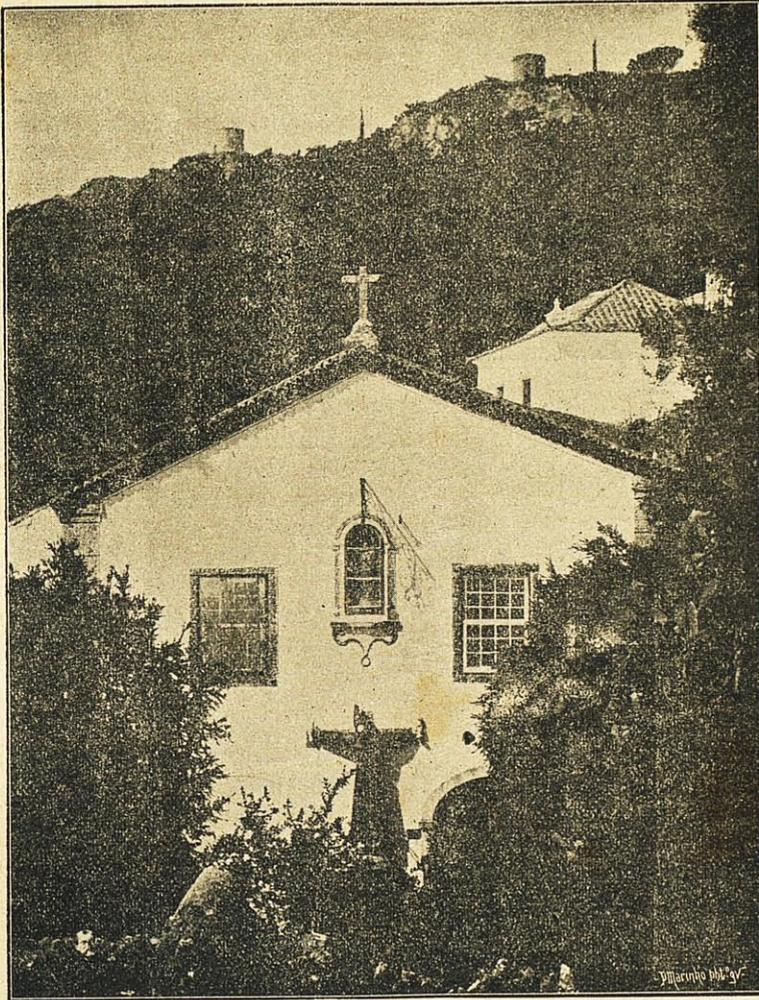
Sejam elles applicados e a cura será certa.

Catecismo de Perseverança — Recebe-

Os pedidos devem ser feitos ao snr. Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade. Porto.

Educação Nacional — Temos recebido regularmente esta bella revista que, defende desassombradamente os interesses da escola e do professorado.

Conjuntamente recebemos tambem um supplemento contendo os estatutos da Associação de Socorros mutuos do professorado primario por-



CONVENTO DA ARRABIDA

mos os fasciculos n.^{os} 11, 12 e 13 d'esta impórtante obra do Padre Gaume, edição feita pelo snr. Antonio Dourado. Como já por vezes temos dito, esta obra é excellente, e merece figurar na biblioteca não só dos theologos, mas de todos aquelles que se interessem em conhecer a fundo a religião catholica.

A publicação ja vac bastante adiantada, e a distribuição dos fasciculos faz-se com toda a regularidade.

Concluida a obra, o preço será augmentado.

tuguez e mais oito paginas supplementares ao numero 75 com o relatorio da commissão encarregada de relatar o primeiro ponto do programma do congresso do professorado de instrucção secundaria.

Novena do Espirito Santo — Já em tempo nos referimos a esta publicação editada pelo snr. Antonio Dourado, bem conhecido editor catholico portuense, e cujo auctor é o festejado escriptor catholico e consciencioso professor de

ensino livre, o rev.^{mo} snr. Padre Manuel Marinho.

Opportunissima foi esta publicação. Leão XIII, em duas Encyclicas que o mundo catholico conhece, empenhou-se em despertar nos fieis a devoção para com o Espirito Santo, impondo aos parochos, na Encyclica de 9 de maio do anno passado, a obrigação de fazerem uma novena antes da festa de Pentecostes. As palavras do venerando Pontifice são as seguintes: «*Decretamos portanto e ordenamos que em todo o mundo catholico, n'este anno e em todos os seguintes, se faça uma novena antes do Pentecostes, em todas as egrejas parochiaes, e se o Ordinario o julgar util, nas outras egrejas e sanctuarios*».

A Novena do Espirito Santo é approvada e indulgenciada por Sua Eminencia o Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto.

Custa apenas 100 réis em brochura e 150 encadernada.

Peregrino de Lourdes — Este religioso e optimo semanario publicou um numero especial todo consagrado a Leão XIII.

O Progresso, de Guimarães, publicou tambem um numero especial dedicado ao dr. Francisco Martins de Gouveia Moraes Sarmento, emittente archeologo vimaranense.



As nossas illustrações

I — O Bom Jesus do Monte. — A nossa gravura representa a milagrosa imagem que se venerava no templo antigo, o qual foi substituido pelo actual sanctuario. Hoje esta imagem venera-se na sacristia do lado do norte, juntamente com a devota imagem da Virgem das Dôres. O povo de Braga e arredores professa ainda para com ella a mesma devoção que lhe consagrava quando occupava no templo o lugar de honra. Attestam-no as numerosas offertas com que vão ainda hoje testemunhar-lhe a sua gratidão, por graças e prodigios de que se confessam devedores.

A nova imagem do Bom Jesus, que a veio substituir, foi mandada vir expressamente de Italia, e é de esculptura muito correcta. Está collocada no altar-mór do sanctuario, encerrada em uma elegante maquina, descobrindo-se de quando em quando para ser exposta á veneração dos fieis.

Reservamos para o numero seguinte o dar mais circumstanciada noticia ácerca do sanctuario do Bom Jesus do Monte, a qual faremos acompanhar das respectivas illustrações.

* * *

II — O Reservatorio de Hebron. — Esta cidade occupa um lugar muito importante nas grandes tradições christãs. A Escripura refere-se a ella em muitos lugares, e os judeus, ainda em nossos dias, consagram-lhe uma especial veneração, pois que alli repousam as cinzas de Abrahão, Sara sua esposa, e outros antigos patriarchas e personagens biblicos.

A cidade está dividida em quatro bairros. Entre dois d'elles abre-se um ameno valle, onde fica um poço chamado *Dir Sidno Ibrahim* (poço de nosso senhor Abrahão), que se julga contemporaneo do grande Patriarcha. No mesmo valle se encontra tambem um grande reservatorio, que recebe as aguas d'uma fonte que fica a nordés-te da cidade a uma distancia de alguns minutos; o nome d'esta fonte (*Ain Eskali*) é talvez corrupção de Escol, nome de um dos chefes que acompanharam Abrahão, na perseguição feita aos quatro reis que haviam aprisionado Loth.

Este reservatorio é o que se representa na parte inferior da nossa gravura.

A parte superior representa um dos trechos mais interessantes da cidade de Hebron.

Todas aquellas construcções, que dão ares de imponentes edificios em ruinas, são um quadro fiel do indolente viver dos arabes, actuaes senhores da formosa cidade.

* * *

III — A Anunciação da Virgem. — Remonta provavelmente aos primeiros seculos da Egreja a instituição d'esta festa, que nos recorda um dos mysterios mais sublimes do christianismo. O Concilio de Toledo, celebrado em 656, falla d'esta festa como sendo de instituição antiquissima e de tradição apostolica.

Celebram-na hoje, mesmo as egrejas dissidentes, e todas a fixam, com a Egreja catholica, no dia 25 de Março, pois que, segundo S. Agostinho, foi 'neste dia que se operou a Incarnação do Verbo.

A nossa gravura representa os dois interlocutores, entre os quaes se travou o colloquio sublime que decidiu da salvação do genero humano. A Virgem medita em silencio as Escripuras Sagradas e ora em profundo recolhimento, quando lhe apparece o mensageiro celeste a noticiar-lhe a es-

colha que d'ella fizera o Altissimo para ser a Mãe do Verbo Encarnado. Maria assustase á ideia de que perderá o thesouro incomparavel de sua virgindade, que de muito consagrara ao Senhor. Mas o Archanjo a assegura, prometendo-lhe que sobre ella baixará o Espirito Santo e a virtude do Altissimo, que a nossa gravura representa descendo em fórma de pomba, sobre a cabeça da Virgem.

A resposta de Maria foi o principio da nossa Redempção: *Fiat mihi secundum verbum tuum*. E o Verbo Divino desceu do seio do Pae, e habitou entre os homens.

E' para notar-se a lembrança do artista que, junto do genuflexorio em que Maria está orando, collocou a róca, symbolo do trabalho a que, segundo a Escripura, se consagrava a *Mulher Forte*.

Eloquente lição para nós: podemos sim, e devemos orar; mas a oração não ha de obstar a que consagremos tambem o tempo preciso ao cumprimento dos deveres de nosso estado.

Oremos e trabalhemos, que o trabalho, ordenado segundo as disposições da lei de Deus, é tambem muito proveitosa oração.

* * *

IV. — O convento da Arrabida. — Se bem se recordam os meus leitores, expuz no numero passado a origem, mais ou menos provavel, da ermida de «Santa Maria da Arrabida», que attraheu áquella serra os filhos de S. Francisco, transformando-se mais tarde em convento, que veio a ser cabeça d'uma Provincia, das mais austeras e reformadas de toda a Ordem.

Effectuou-se isto do modo seguinte:

Ahi, talvez, pelo anno de 1538 era senhor da serra da Arrabida e duque de Aveiro, D. João de Lencastre. Vivia então em Castella, com fama de religioso muito observante, o veneravel Fr. Martinho de Santa Maria, o qual muito desejava retirar-se, a fazer vida eremitica, em algum lugar recolhido e solitario.

Tentára já pôr por obra este seu arden te desejo, mas nunca pudéra conseguil-o; pelo que, nos fins do mesmo anno de 1538, se dirigiu ao sanctuario de Nossa Senhora de Guadalupe, em Hespanha, a implorar o auxilio e assistencia da Mãe de Deus para executar o seu piedoso desejo.

Sucedeu ir alli tambem no mesmo tempo o duque D. João de Lencastre, e, encontrando-se com Fr. Martinho, travou logo com elle relações de mutua amizade, que depressa vieram a estreitar-se intimamente, porque chegou a averiguar que era seu parente, e não muito remoto.

As virtudes do santo religioso edificavam profundamente o conde, o qual, de revelação em revelação, chegou a conseguir saber d'elle qual o fim que alli o levára. Julgou o fidalgo portuguez que a sua serra da Arrabida seria lugar muito proporcionado para satisfazer os desejos do pedoso filho de S. Francisco, e assim espontaneamente lh'a offereceu, muito empenhado em que accitasse a offerta, para ter o prazer de gosar mais de perto da sua companhia e da edificação que lhe inspiravam suas grandes virtudes.

Fr. Martinho accitou. Comprometteram-se ambos a escrever sobre o assumpto ao Superior Geral da Ordem, e despediram-se.

E' muito interessante a correspondencia trocada por esta occasião. Na impossibilidade de dar por extenso todas as cartas, limitar-me-hei a transcrever a do conde de Aveiro ao Geral. Foi a seguinte:

«Reverendissimo Padre Geral. Os dias passados me levou á Casa de Nossa Sechora de Guadalupe, o dar satisfação a uma promessa e o desejo de vêr aquelle Sanctuario, aonde encontrei tantos motivos de gosto, quantos não posso encarecer a Vossa Reverendissima. Não foi menos entre todos o encontro, que tive com o Padre Fr. Martinho de Santa Maria, que conheci por parente, e me disse ser da mesma provincia de Vossa Reverendissima: elle me pareceu sujeito digno de toda a estimação, e me fez mercê communicar o vehemente desejo, que tinha de se retirar a lugar solitario, e devoto, longe de toda a consolação humana, para segurar melhor a divina; para este fim se valéra do patrocínio de Nossa Senhora. Lembrou-me que nas minhas terras tinha a serra da Arrabida, Sanctuario famoso no nosso Portugal, e de muita estimação n'esta minha Casa, e por me parecer este sitio muito accommodado para o intent, o offereci com grande vontade a este meu parente, vendo se por este caminho podia tambem lograr a fortuna de o ter por visinho. Elle me fez o gosto de accitar a offerta, com o presupposto de que havia eu dar conta a Vossa Reverendissima, e que elle tambem o faria. Obriguei-me a não faltar n'este particular, nem retardar o desejo de ambos; pelo que despacho este proprio com esta carta; e n'ella com todo o encarecimento a Vossa Reverendissima me faça mercê de duas cousas. A primeira, permittir a licença ao Padre Fr. Martinho, a que eu, e toda esta Casa ficaremos sempre devedores. A segunda, accitar a offerta, que faço d'esta

Serra, á Ordem de nosso Seraphico Padre S. Francisco, de quem me confesso especial devoto.

Espero que Vossa Reverendissima me despache estas duas petições com muita igualdade, na certeza de que ha de resultar d'este negocio um grande serviço de Deus, que guarde a Vossa Reverendissima por muitos annos.

Azeitão em 23 de Fevereiro de 1539.

O DUQUE».

Bem longe estaria o piedoso fidalgo de suspeitar, — n'aquelles tempos de obscurantismo e *intolerancia*, — que, tres seculos mais tarde, havia de raiar ao mundo a aurora de uma nova epocha de tolerancia e liberdade, em que alguém se julgaria com direito de oppôr o seu *veto* áquella doação espontanea, que um portuguez fazia de bens que eram seus!...

O Geral da Ordem, Fr. Vicente Lunel, que então se achava em Hespanha, no Convento de Valladolid, acolheu com satisfação a supplica do fidalgo portuguez, e escreveu-lhe a 5 de Abril do mesmo anno uma attenciosa carta, repassada da mais viva gratidão, enviando-lhe ao mesmo tempo a Patente em que concedia a Fr. Martinho a licença pedida.

O duque de Aveiro curou logo em dar-lhe execução, pelo que escreveu ao seu amigo, o veneravel Fr. Martinho, que ao tempo se achava no Convento de Carthagina, rogando-lhe fosse immediatamente tomar posse da serra da Arrabida.

Este partiu, com effeito, para Portugal, acompanhado de outro religioso, cuja escolha o Ministro Geral deixára á sua disposição. Chegando a Azeitão, residencia dos duques de Aveiro, alli se deteve alguns dias, para satisfazer os desejos dos piedosos fidalgos: até que, a final, no dia 29 de Setembro foi tomar posse da ermida da Senhora, edificada por Haildebrant, e alli ficou sua residencia.

Juntaram-se-lhe depois outros companheiros entre os quaes o glorioso S. Pedro de Alcantara, que alli viveu algum tempo. O seu numero subiu logo a cinco. Para viverem mandou o duque construir outras tantas cellas, tão acanhadas e estreitas, que não podiam os seus moradores estender-se nem levantar-se de todo em pé.

A austeridade com que viviam é absolutamente incrível, para não dizer sobre-humana. O chronista da Provincia da Ar-

rabida descreve n'estes termos o seu modo de vida:

«Para rezarem matinas, ficava um de vigia, e em sendo meia-noite, tangia a campainha da ermida, e despertava ao que mais distante assistia, e ambos rezando o *Miserere*, vinham despertando os outros; e assim chegavam á ermida, onde tendo uma breve contemplação, entoavam os louvores de Deus, d'elle tão singularmente accitos áquella hora.

Acabadas as Matinas e Laudes, ficavam em oração até horas de Prima, a qual resada, diziam Missa, ajudando uns aos outros, reservando sempre uma para a hora de Terça, e se recolhiam ás suas cellas. A' hora de Terça se tangia a campainha, acudiam todos, e satisfazendo a obrigação do Officio Divino, assistiam á Missa, que offereciam pelos bemfeitores. Completa esta obrigação, se recolhiam outra vez ás suas cellas até horas de jantar, e em chegando este tempo, se fazia signal com um penedo em uma taboa, e juntos em uma gruta, alentavam o cançado corpo com pão e agua e rara vezes com algumas hervas, ou legumes mal temperados, dando a Deus muitas graças pela rejeição.

Fica esta gruta, ou cova, pouco distante da ermida da Senhora, para a parte do Sul, em um sitio algum tanto plano e muito alegre. São dous grandes penedos, cada um do seu lado em correspondencia, os quaes lhe guardam a entrada, ao mesmo tempo que a manifestam por um breve espaço que ha entre ambos, o qual não consente mais que uma só pessoa.

Para entrar dentro, é necessario usar de uma inclinação muito profunda, porque é tão baixa, que parece porta que terá sómente quatro palmos de alto. O comprimento será de oito ou dez palmos; e a concavidade de quatro até cinco: a propria terra lhe servia de cobertura, a pedra, que lhe serve de ambito, artificialmente tem a fórma de banco para se assentarem.

Acabado o acto de comunidade n'esta cova, se recolhiam para as cellas a esperar a hora de Vesperas, as quaes rezadas, e ao depois a seu tempo as completar, finalizavam o dia com a oração, em que fervorosos se empregavam».

Assim viveram algum tempo, até edificarem convento. Compunha-se este de uma mais que modesta igreja, refeitório e cozinha e algumas cellas dispersas pelo matto a grande distancia umas das outras. As despesas feitas com estas construcções foram todas generosamente custeadas pelo duque d'Aveiro, ficando elle por isso padroeiro perpetuo do convento, cargo que se perpetuou em seus descendentes até á extincção da casa dos duques de Aveiro.

Seu filho edificou os muros da cerca e construiu novas cellas, em menor distancia que as primeiras. Com os annos foram-se construindo novos edificios e reformando os antigos, sem comtudo alterar nunca a fórma primitiva que ainda hoje conserva, e é representada na nossa gravura.

Eis como o descreve o nosso amigo, snr. Pires da Silva, em um bello artigo publicado no jornal de Lisboa, *O perfume*, em seu numero 49, de Fevereiro ultimo:

Não forma o convento com suas dependencias um corpo regular e unico, como as demais casas religiosas; mas vão seguindo pela serra as pequenas cellas e casas de refeitório e bibliotheca com tal artificio que sem se desligarem da Igreja, nenhum frade podia sahir a cumprir qualquer dós seus deveres da communitade sem ter que expôr-se ao tempo; sendo porém, verdadeiramente separadas e a grande distancia entre si as capellinhas que orlam a chamada cerca e que os religiosos percorriam diariamente, em exercicio d'oração; e a todo este aggregado de casinhas e de pequenos cenobios, para assim dizer, faz fecho a Igreja, dando por serventia aos que procuram o convento o seu atrio, onde na principal parede se vê em colossal figura, a imagem do veneravel Fr. Martinho de Santa Maria, fundador d'aquella Thebaida, representado com tal arte que n'elle se divisa logo a verdadeira imagem de todo o religioso cenobita.

E Herculano, largando vôo a seu estro inspirado, consagra ao humilde cenobio estes mimosos versos:

«Avulta aqui, e alveja entre o arvoredo
Um pobre conventinho. Homem piedoso
O alevantou ha seculos, passando,
Como orvalho do' céu por este sitio
De virtudes depois tão rico e fertil,
Como um pae de seus filhos rodeado,
Pelos matos do outeiro o vão cercando
Os tugurios de humildes eremitas,
Onde o cilicio e a compunção apagam
Da lembrança de Deus passados erros
Do peccador, que reclinou a fronte
Penitente no pó. O sacerdote
Dos remorsos lhe ouviu as amarguras;
E perdoou-lhe, e consolou-o em nome
Do que expirando perdoava, o Justo
Que entre os humanos não achou piedade».

Eis o que é a Arrabida.

Melhor: eis o que foi, em dias melhores, o ditoso ermo da Arrabida. «N'aquella cenobio ameaçando hoje proxima ruina, pelo esburacado das paredes, viveu rigorosissima vida ascetica o arrabido por excellencia, S. Pedro de Alcantara; n'aquella ermo proximo do Sanctuario do Bom-Jesus escolheram guarida não poucos homens illustres, uns por virtudes e outros por nascimento, sendo um d'aquelles o celebrado bispo de Vizeu e de Coimbra, D. João de Mello; n'aquella paragem, emfim, onde a piedade christã ia buscar allivio ás suas maguas e conforto ás suas dôres, feridas pelo mundo quasi sempre injusto e cruel, encontrava-se com belleza natural e solidão

do sitio, ameno por clima e pitoresco por ponorama e horisontes, um como que auxilio e lenitivo celeste na caridade e nas orações dos religiosos seus moradores; porém hoje... hoje ficou, é certo, o bello do logar e a graciosidade amenissima da serra e da matta, mas em vez da prece que aos crentes consolava e aproveitava, escuta-se o tombar das imagens e o desmorronar dos pobres mas vistosos mosaicos das paredes e das grutas!!»

Mas embora: a posteridade julgará entre nós e elles; nós, os descritos que dispersamos aos ventos as pedras do sanctuario, e elles que, alentados por uma crença viva e ardente, alevantavam por toda a parte estes templos vivos da virtude e do amôr; alli se acolhiam a depurar-se no crisol da mais crua penitencia, e d'alli, emfim, se alavam a repouisar aos pés d'aquella que lhes ouvira os suspiros e soluços, lhes assistira ás sangrentas disciplinas e lhes contára, para recompensal-as, todas as lagrimas que derramaram pela senda espinhosa do seu Calvario.



Visita Pastoral de S. Em.^a Rev.^{ma} o Senhor Cardeal Patriarcha a Palmella



A sexta-feira, 11 do corrente, pelas 11 horas da manhã, chegou S. Em.^a áquella villa, vindo de Setubal acompanhado pela ex.^{ma} camara municipal, ex.^{mo} snr. administrador do concelho e mais illustres cavalheiros d'aquella formosa cidade que ao seu Apostolico e bondoso Prelado quizeram dar o seu testemunho de respeito e filial affecto.

Ao termo da freguezia foram esperar S. Em.^a, em deputação da mesma, os seus principaes cavalheiros e immensa quantidade de povo; pelo que com luzido e grande cortejo entrou n'aquella nobre e antiquissima villa, esquecido solar da Sagrada, Benemerita e Religiosa Ordem de S. Thiago da Espada, o Egregio Antistite lisboense.

Na igreja da Misericordia parou o cortejo, para d'ahi sahir paramentado o Em.^{mo} Prelado a fazer a sua entrada solemne na capella real e parochial igreja de S. Pedro e Santa Maria. Formavam a procissão as irmandades do Santissimo, dos Passos, de S. Miguel e Almas, e da Misericordia, e pegavam nas varas do pallio os exc.^{mos} presidente e vereadores municipaes, ex.^{mo} administrador e illustres cavalheiros da villa, servindo de principe do solio o bondoso e ex.^{mo} dr.

João Valente, abalizado medico da villa e dignissimo irmão do Rev.^{mo} e Apostolico Patriarcha das Indias, Ex.^{mo} D. Antonio Valente. A' porta do vasto e bello templo parochial esperava S. Em.^a Rev.^{ma} o parcho da freguezia, Rev. Mgr. Manoel Ignacio Simões, vigario geral de Setubal com o seu clero parochial e quasi todos os sacerdotes do arcediagado, aos quaes convidára a virem alli cumprimentar e acompanharem, n'aquelle piedosissimo acto, o seu Em.^{mo} e Santo Pastor.

Foi S. Em.^a Rev.^{ma} recebido com todas as disposições do Pontifical Romano, servindo de mestre de ceremonias, o P. thesoureiro da freguezia, Rev. P. Alberto Carlos Cutrim de Miranda, prior encomendado de S. Simão de Villa Fresca d'Azeitão e afamado liturgista.

E, terminado o beija-mão, desceu S. Em.^a do throno patriarchal, e fôí, no pulpito, explicar áquelles seus filhos a razão da sua visita. Foi bella de doutrina, de piedade paternal e de linguagem aquella homilia ou antes allocução ! Com as lagrimas nos olhos a escutaram quasi todos que depois, fóra da egreja, a ella se referiam com encarecimento e boa vontade. Com o devido ceremonial principiou, logo em seguida, a administração da Santa Chrisma que nos tres dias, levou horas seguidas e deu farta consolação, se bem que trabalhoso exercicio, a S. Em.^a Rev.^{ma}, e preclaro Cardeal Patriarcha.

Como preparação para esta visita houve um salutar triduo com sermões dos Rev.^{os} P.^{es} Alberto e Carlos Gouveia, infatigavel missionario e sympathico ornamento da residencia dos Venerandos Padres, da Annunciada de Setubal. Houve mais de mil e duzentos confirmados e quasi igual numero de confissões e communhões, havendo algumas confissões d'annos esquecidos. Foi um louvar a Deus de beneficios espirituaes !

Foi encantador para o Rev.^o Parocho, o bondoso Mgr. Simões, vêr a boa vontade com que todos se lhe reuniram, povo e classes elevadas, para bem receberem a visita do seu Em.^{mo} e Amado Prelado. Era linda a ornamentação do templo, magestoso e esplendido o Solio patriarchal, mais que muito vistoso o embellezamento das ruas e praças, pelo bem disposto e profusão de bandeiras, festões e colchas que lindamente adornavam as janellas. De noite a illuminação era geral e brilhante, sendo muito para admirar a fachada da Matriz, onde se lia, a luzes, o nome do Em.^{mo} Cardeal Dom José Terceiro, rematado o arco com a corôa real. Queimaram-se, em todas as ruas, vastas barricadas d'alcatrão, e nos corétos, minoseavam-nos os ouvidos com mimosas peças de musica as tres phylarmonicas da villa, sempre incansaveis e sempre delicadas com S. Em.^a a quem iam cumprimentar á residencia parochial, antes de subirem para os seus bem collocados corétos.

No sabbado de manhã continuou S. Em.^a Rev.^{ma} com os trabalhos da visita; indo processionalmente, de tarde, ao cemiterio suffragar as almas dos que alli repousam, e fazendo adequada pratica, depois de entrado na parochial egreja. Sendo bastantes os sacerdotes que, de dia, estavam nos confessionarios, ainda assim alguns tiveram de alli continuar até tarde; tamanha era a affluencia dos que pediam a confissão.

No domingo de manhã por muitas vezes deu a sagrada communhão o Rev. Mgr. Vigario Geral, como já o fizera nos dias anteriores, bem como o Rev. P.^o Maximiano, Superior do Convento de Brancanes, bondosissimo e illustradissimo sacerdote regular que a todos captiva com o seu tracto primoroso e sinceramente bom. E ás nove horas rezou missa S. Em.^a Rev.^{ma} que, na conveniente occasião do santo sacrificio, se sentou no solio a explicar o Evangelho do dia. E, se bem que seja vastissimo o templo e de continuo apinhado de feics era sempre geral a attonção e respeito com que eram escutadas as palavras de vida e de luz, verdadeiro ensinamento e incitamento de tão virtuoso e sapientissimo pae espirital.

Hospedou-se o Em.^{mo} Cardeal Patriarcha, em casa do Rev.^o Mgr. Vigario Geral e Prior da freguezia, Manoel Ignacio Simões, e alli recebeu, nas poucas horas vagas do seu ministerio, os cumprimentos respeitos de todos que, da villa e de fóra, procuravam a honra de beijar o anel do seu Venerandissimo e Excelso Prelado Diocesano. E, nos tres dias, receberam a honra de jantar com S. Em.^a os principaes cavalheiros da villa e alguns mais que de Setubal, ou de mais longe, haviam para isso recebido convite do respeitavel Vigario Geral; contando-se entre estes os Ex.^{mos} dr. João Valente, Piores de S. Sebastião, de Santa Maria, de Setubal, de Simão de Villa Fresca d'Azeitão, P. João, Coadjutor da freguezia, Miguel Carlos Maria d'Almeida e Silva, Comendador Izidoro de Carvalho Peres Salgado, Firmino Coelho, João Peres Salgueiro, Adolpho dos Santos Simões, José Ferreira Sardinha, Francisco Ferreira, Manoel Lopes, Firmino Cardoso, illustre vereador municipal, de Palmella; e ex.^{mos} Francisco José Pereira e genro, Mesquita, Casal e José Simões, de Setubal, e muitos outros cavalheiros, e quem tem a honra de escrever estas linhas.

Brindaram devidamente a S. Em.^a os Surs. Vigario Geral, Dr. João Valente, Francisco José Pereira e Francisco de Sales Pires da Silva, concedendo no jantar de Domingo S. Em.^a Rev.^{mo} ao seu Vigario Geral de Setubal a honra de brindalo pelos seus serviços, dedicação á Egreja e pela piedade religiosa e affectuosa dedicação que aquella villa antiga e benemerita lhe tributara na sua visita pastoral. E houve tambem quem levantasse um brinde á Ordem Serafica pelos seus incontestaveis e relevantes serviços á patria, prestados, quizi desde o alvorecer da nossa nacionalidade. Gratissimo e bem cabido brinde !

A S. Em.^a Rev.^{ma} foi tambem apresentado o snr. Antonio da Costa, hoje a pessoa de maior idade d'aquella villa, ainda educada no Mosteiro dos Freires de S. Thiago, que muito commovido, beijou o anel do Em.^{mo} Principe e d'elle se despediu até á eternidade. E affirmou-nos o bondoso anciano que nunca vira tanta festa e tamanho entusiasmo n'aquella villa, como se via agora, nem mesmo quando, ha 46 annos, o fallecido Cardeal Patriarcha, Snr. D. Guilherme, alli fóra fazer a sua visita pastoral.

A's cinco e meia da tarde, de domingo, dispoz-se S. Em.^a Rev.^{ma} a regressar a Setubal, tendo a mais affectuosa, brilhante e respeitosa despedida. Quiz S. Em.^a atravessar a pé as ruas da

villa, até ao largo do Chafariz, sito no crusamento da estrada real, por vêr a multidão apinhada e pasmosa que o esperava para o saudar e lhe receber a Sagrada e Apostolica Benção.

Eram perto de quatro mil pessoas a formar-lhe o cortejo com as trez phylarmonicas; e assim atravessou o virtuosissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa, Snr. D. José Terceiro, as ruas compridas d'aquella villa, no meio d'ardentes ovações, de chapéu cardinalicio na mão, e sempre abençoando aquelles filhos que tanto amor lhe manifestavam. E' raro vêr tamanho e tão completo entusiasmo!

No largo ou terreiro do Chafariz esperavam as carruagens de S. Em.^a e dos cavalheiros que o iam acompanhar a Setubal. E formada a comitiva, que a custo seguia alli por entre a multidão, seguiu para Brancanes, onde S. Em.^a Rev.^{ma} se alojára, e onde, com palavras e benção de Pae carinhoso, despediu a commissão e exaltou a dedicação e o respeitoso acolhimento que recebera da grande e estimada villa de Palmella e do seu bom parochio.

Ajuda, Março 15.

PIRES DA SILVA.



ROMA

Coroação do Papa — Passou no dia 3 o vigesimo anniversario da coroação do nosso Santissimo Padre, o Papa Leão XIII. Sua Santidade assistiu á missa na capella Sixtina, entoando depois o *Te-Deum*. A multidão dos peregrinos saudou-o calorosamente.

Como n'esse dia occorriam as festas, que o governo italiano mandou celebrar pelo 50.^o anniversario da concessão do estatuto fundamental do reino, os catholicos foram prohibidos de illuminar os seus edificios em honra do Papa: não julgasse alguém que elles festejavam a usurpação de Roma.

No dia 2 o Sacro Collegio tinha já apresentado a sua Santidade as suas felicitações, lendo o Cardeal Oreglia uma mensagem em nome dos seus collegas, a que o Papa respondeu:

«As homenagens, prestadas ao Papa, não são dirigidas á sua pessoa, mas á instituição que elle representa. Foi com esta significação que nós recebemos as homenagens que nós foram prestadas por occasião do anniversario da Nossa primeira missa. As manifestações, que se produziram na egreja de S. Pedro, não eram dirigidas á Nossa humilde pessoa, mas á ideia divina do nosso Sacerdocio: tal é a sua unica significação.

«Tem pois sido injustos os malevolos commentarios, que acolheram este entusiasmo tirado d'uma fonte religiosa.

«E' assim que Deus consola as Nossas amarguras e faz brilhar a thiara d'um novo esplendor pelas sympathias dos povos, sympathias, que não

são limitadas pelos Alpes, nem pelos mares, mas que se estendem pelo mundo inteiro. Que seja bem vindo este consolador e copioso amor.

«Elle indica o despertar da consciencia religiosa protestando contra a oppressão, e reivindicando o direito de se mostrar corajosa e santamente livre.

«E' muito doloroso ver calumniadas e mal comprehendidas estas nobres aspirações dos corações para com Roma.

«Já que a origem dos males moraes e sociaes de que Nós soffremos actualmente é o enfraquecimento dos sentimentos religiosos, todo o espirito recto deve abençoar e auxiliar este despertar do espirito christão, promessa d'um futuro melhor e da salvação do mundo.

«Nós não o veremos porque somos chegados ao fim da nossa jornada; mas regosijamo-nos de o podermos saudar de longe com o nosso desejo, e nossa esperança».

PORTUGAL

Associação Auxiliar das Missões ultramarinas — Na sala *Portugal* da Sociedade de Geographia realisou-se um *sarau* em honra de Mousinho de Albuquerque e em beneficio do cofre d'aquella prestante associação.

A concorrência foi enorme e selecta. Estavam presentes suas magestades, nuncio de Sua Santidade, etc.

Discursaram os snrs. Emygdio Navarro, e J. M. d'Alpoim, que com o maior desassombro se manifestaram a favor das Congregações Religiosas, tão barbaramente expulsas d'este reino.

Do «Jornal do Commercio» que, honra lhe seja, parece não padecer muito do *contagio*, transcrevemos a resenha do primoroso discurso do snr. Navarro.

«O snr. Emygdio Navarro, tomando por base a alliança da Cruz e da espada, alliança que engrandeceu Portugal nos tempos em que levamos o nosso nome aos confins do extremo oriente, demonstrou, á face da historia e dos principios da razão, que será tambem pela espada que domina os povos, e pela religião que avassala as consciencias, que a nossa patria poderá progredir e conquistar o brilho que lhe aureolou o nome n'outras eras. Enalteceu as Missões como meio mais proficuo de evangelisação, demonstrando que ellas só se tornarão efficazes, partindo das aggremações que as voações originam, isto é, das Ordens Religiosas, cuja necessidade provou invocando até a propria democracia que por uma estúpida intolerancia as proserve, e a liberdade que não póde admitir restricções senão para o mal. Alludiu á tendencia idealista de certas litteraturas, nomeadamente a franceza, que fatigada de materialismo torpe se refugia na religião como abrigo salutar. Citou os ultimos livros — *En Route e La Cathédrale* — de Huysmons, para comprovar o que dizia. E, ao perorar, pôz em evidencia os serviços que ultimamente na nossa Africa tem prestado os nossos missionarios, e as irmãs da missão, que a associação protege, fazendo votos por que as arvores do bem que ella vae plantando, fructifiquem opulentamente».

Referindo-se ao discurso do snr. Alpoim, diz o *Correio Nacional*:

«No principio da segunda parte o snr. dr. José d'Alpoim fallou por uma fórma arrebatadora, fazendo a apologia das irmãs missionarias.

A sua voz potente e vibrante fazia-se ouvir sem difficuldade, cheio de enthusiasmo, em linguagem florida, rica de bellas imagens, de uma eloquencia fogosa e verdadeiramente meridional, o orador soube fallar ao coração, evocando a angelica figura d'essas nobres senhoras que ao serviço de Deus e da Patria põem o elevadissimo dote da sua alma de mulheres.

Um fremito de commoção de enthusiasmo percorria a espaços a assembleia, subjugada pelo verbo eloquente do illustre orador.

Que formosa descripção a das missões de Huilla! Que quadro eloquente o que alli foi esboçado dos labores e sacrificios da irmã missionaria!

Com que soberana auctoridade se reclama o respeito e a admiração para o soldado, para o missionario e para a religiosa, que por fórmas diversas obedecem ao mesmo espirito de renuncia, e se irmanam na dedicação!

Cruz e espada: tal foi e tal deve ser o nosso lemma».

Instrução secundaria — Como estava annunciado, realisou-se no Porto sob a presidencia do distincto medico alienista dr. Julio de Mattos, o congresso do professorado livre de ensino secundario. Como era de justiça o congresso fez uma rigorosa analyse da ultima refôrma do ensino; fez vêr a necessidade de nacionalisar o ensino e de elaborar uma nova refôrma conforme as exigencias actuaes.

O congresso esteve muitissimo concorrido, como era de esperar.

A questão do ensino é uma das de mais flagrante actualidade.

Uma coisa porém estranhámos no congresso, e que não podêmos deixar correr sem o nosso humilde profesto. E' que houvesse lá quem reprovasse a lingua latina por ser uma lingua morta, e que servia de impedimento ao alcance d'outros conhecimentos necessarios. Parece incrível que homens illustrados, como supponos os congressistas, ignorassem que, sem o estudo do latim, é impossivel conhecer bem os segredos da lingua portugueza. E o que estranhámos mais ainda, é que fosse um padre quem mais se salientou no assumpto.

Protesto — O cabido da Sé Cathedral do Porto protestou contra a enorme injustiça de que está sendo victima a classe clerical, banida do ensino. Na solemne academia da Associação Catholica de Braga, Mons. Mariz lembrou a oppor-

tunidade de dirigir aos poderes publicos uma manifestação no mesmo sentido.

E' já tarde na verdade, mas antes tarde do que nunca. O clero já ha muito que devia ter feito comprehender aos legisladores a gravidade da affronta, de que foi victima. Mas, ao menos, já que o não fez, faça-o agora.

Centenario da India — Activam-se os trabalhos para a commemoração do Centenario da India.

A grande commissão, á parte certas lembranças um tanto infelizes, não se tem forrado a trabalhos, para que as festas em nada desdigam do epico feito, que significam.

As obras para a decoraçào e illuminação das principaes ruas da capital devem começar nos principios de abril.

Um dos pontos que mais ha de despertar a attenção de nacionaes e estrangeiros é sem duvida a grande revista naval pelo brilhantismo que reveste; pois que a ella concorrem quasi todas as nações da Europa e algumas do Novo Mundo. A França participou ultimamente que enviará ao Tejo uma esquadra de quatro navios, commandada por um almirante.

A exposiçào da imprensa não deixará tambem de ser um ponto dos mais interessantes.

Pena é que os estranhos, vindo assistir ao centenario, levem fracas impressões do que hoje sòmos.

Que o centenario nos recorde ao menos o que já fomos, e o que poderemos vir a ser ainda, se quizermos.

A falta de religiào, tendo por consequencia a degradação dos costumes, é o grande mal de que enfermamos.

Noticias de Braga — Começou ultimamente a publicar-se n'esta cidade uma folha diaria, *O Diario do Minho*, que se diz independente. Cretura de poucos dias ainda, julgou-se com auctoridade bastante de dar uma lição a toda a imprensa bracarense, fazendo n'um dos primeiros numeros a apologia do immundo romancista Zola.

Bom signal.

—No dia 27 de fevereiro inaugurou-se o encerramento das lojas aos domingos de tarde. Por esse motivo os empregados do commercio publicaram um numero unico, a *Aurora Commercial*, contendo a provisào do Snr. Arcebispo Primaz, e varios artigos. Era justo.

—A policia fez ultimamente varias rusgas aos frequentadores das casas de jogo, encontrando, segundo nos informam, *batoteiros* em trez partes, e entre elle dois, que em razào de seu estado deviam com suas acções servir de exemplo aos outros.

Editor responsavel — Domingos José de Souza Gomes — Braga.

Typ. de J. M. de Souza Cruz — Braga.

ram seus trabalhos e já hoje estaria sancionada, a não ser impedida tal diligencia pelos incontestáveis V.: e Repres.: da L.: Regeneração, que exigiram o ter copia dos artigos, para os verem com reflexão, e os poderem discutir com pleno conhecimento de causa. Seria para desejar que todos vós, e todas as LL.: do nosso Circulo, conhecessem pessoalmente os dous sisudos e circumspectos Varões, que temiam arriscar sua fama em um voto pouco reflectido, porém eu supprerei esta falta de conhecimento que tendes de seus talentos e litteratura, dizendo-vos que o primeiro é *um pessimo Boticario*; e o segundo *um sargento ignorantissimo*. (!!... e, em em geral, os motores occultos da machina triangular é gente parecida com isto...)

«A grande Dieta. . . tratou sempre de preferencia os negocios da Patria (?) exigiu de todas as LL.: relações de confiança e desconfiança publica; *(confiança para os mações, desconfiança para os profanos)* faria observar os passos dos individuos, que eram suspeitos *(de pouca affeição á seita. E aqui temos nós uma nova, ou antes velha, prova de como os franc-maçães se mettem em politica, apesar dos seus reiterados protestos em contrario)*.

«Estes perversos *(os membros da L.: Regeneração)* são ao mesmo tempo maus cidadãos e pessimos MM.: . . Quando se trata dos negocios da Patria, elles desacreditam o governo. Não se julgue entretanto que elles o fariam em ajuntamentos regulares; porque, nesse caso, havendo de reprehender com justiça, elles fariam o seu dever. *(Mettem-se lá em politica! Quem os constituiu, a elles, censores da auctoridade legitimamente constituída, só pelo facto de serem mações? Como arrogam a si um privilegio que a outros recusam?)*

«Seria bem para desejar que todos os MM.: e Proph. podessem estar ao facto da nobre (!) franqueza com que esta sublime (!) Camara chama ao caminho da justiça e exactidão dos seus deveres, *(em favorecer por todos os modos os infames maneios da seita)* aquelles MM.: . ., que se acham constituídos em cargos publicos, ainda no mais alto ministerio: nem sirva de exemplo em contrario alguns actos menos regulares, que certos individuos hajam praticado. Alguns MM.: ha, que, depois de serem a tal eminencia elevados, se esqueceram absolutamente de que tinham visto a luz em nossos tempos; do que apenas se recordam com remorsos, quando por seus erros se acham outra vez abysmados nas trevas do desprezo. *(Isto representa uma verdade, uma ameaça e um facto historico: uma verdade, porque os franc-maçães naturalmente subversivos, quando sobem á berlinda do poder, esquecem por vezes os sentimentos sectarios, para unicamente respeitarem o principio d'ordem; com muito sentimento dos irmãosinhos. . .; uma ameaça, porque é com ameaças que a maldita seita, as mais das vezes, obtem seus perversos intentos; um facto historico, porque muitos destes taes tem pagado caro, ás vezes com a vida e sempre com a deshonra, arma de que se servem aquellas seraphicas e manteigudas creaturas dos franc-maçães para enxovalhar o seu nome)*.

«Não se aponta como erro á L.: Regeneração aquella *correção fraternal*, *(quer dizer, revolução e desobediência á legitima auctoridade)* que não só é licita mas justa, quando em logar oportuno *(nas chafaricas)*; aponta-se como atroz calunnia e attentado criminoso, nota-se como perfidia o abuso do augusto segredo da Ord.:, para ir em lojas de bebidas *(vulgar-*

mente tabernas ou tascas, logares muito de molde para os irmãosinhos.) e com profanos atacar sem motivo, nem razão, todos os individuos constituídos em auctoridade. *(Que zelo! . . .)* Diga-o uma loja de bebidas de frente da porta travessa do Loreto; diga-o a botica do Paço Novo; diga-o a casa da India; e digam-o finalmente todos os logares, em que se reúnem os sete perversos, maçonica ou profanamente, os horrores que lhes téem ouvido contra os governos executivo e legislativo proph., *(cantigas)* e até mesmo contra a Maçonaria *(aqui é que lhes dóe)* tornando-se, além de perfidos, perjuros.

«E' apenas acreditavel a imprudencia com que dous ignorantissimos charlatães, o V.: e o Ir.: Trajano, ousam fascinar a boa razão de alguns bachareis e homens de boa cabeça, que levam até ao ponto de os converter em gentios boçaes, que adoram uma serpente por seu Deus! *(Aqui está um phenomeno que se dá com maioria, se pôde dizer, absoluta dos franc-maçães. E' realmente incrível como tantos, aliás boas pessoas e até por vezes com uma certa illustração, praticam as bugigangas dos saltimbancos triangulares, cumprindo tudo quanto a nefasta seita das retro-lojas. . . lhes impõe, muitas vezes com evidentissima repugnancia)!*

«O V.: faz o que quer, . . . ameaça com punhaes, e tudo cobre com os segredos da Alta Maçonaria, sómente reservados ao seu supremo conselho e administração. *(São manhas velhas de todos os mações)*.

«Coherente com os seus principios *(o V.: da L.: Regeneração)* logo que pela primeira vez compareceu entre nós, foi na primeira sessão da sua L.: dizer que tinha estado no Gr.: Or.:, onde não tinha encontrado senão réus de lesa magestade; *(ralham as comadres, descombrem-se as verdades)* que eram uns ignorantes e malvados; que elle os havia confundido em tudo e que deante d'elle não ousaram abrir a bocca».

E aqui tem o meu amigo alguns extractos mais salientes d'esta diatribe dos altos dirigentes da maçonaria portugueza, que nos patenteiam muitas verdades e muitissimas manhas dos Irmãos.: e que pôdem servir para nos orientar no verdadeiro espirito que anima a maçonaria, nas altas camadas maçonicas.

Em resposta ao manifesto do Gr.: Or.: respondeu a loja Regeneração com o seguinte protesto, que mais uma vez descobre o fraternal amor dos herejes franc-maçães. Eil-o:

«A todos os mações lusitanos:

O crime mais atroz até hoje praticado Maç.: é aquelle que ha pouco acaba de praticar o Gr.: Or.: L.:, Tribunal illegitimamente constituído, *despotico, execrando e venal*.

Esta reunião de malvados e de perjuros fizeram imprimir de seu mandado um folheto com o titulo de manifesto do Gr.: Or.: L.: a toda a Maçonaria. N'este atroz papel se patenteiam os segredos mais reconditos em nossos mysterios. Alli se personalizam II.: de reconhecida probidade a quem o ouro estrangeiro ainda não pôde corromper; alli abjuram os traidores o ser de MM.: porque foram infieis a seus juramentos. N'este centro de criminosos se encontram tres que depozeram em segredo contra o benemerito portuguez, Martyr da Patria, e victima do mais execrando despotismo, Gomes Freire d'Andrade. Alli se

encontra o mau amigo, que esquecido dos beneficios do seu bemfeitor o atraiçoa e delata; o mau esposo que cobre de infamia a sua esposa, e até em autos publicos; delapidadores dos fundos das lojas; e em fim alli circula por veredas incognitas o ouro estrangeiro, que talvez um dia abysme a nossa cara Patria em um pelago de males».

E n'este diapasão vão os II.º fallando do supremo Directorio e pondo-os pela rua da amargura.

Sobejas provas temos n'estes documentos dos instinctos da maçonaria, e pena é que me não venham ás mãos os documentos da actual maçonaria

portugueza: mas podemos dizer *á priori* que devem ser uma edição, naturalmente mais correcta e augmentada, dos documentos supramencionados.

Sabe que o Gr.º M.º, Bernardino Machado, mandou uma circular a todos os al.º Maç.º ordenando-lhes que trabalhassem contra o governo no melindroso negocio da convesão? E' sempre o mesmo *ritornello*. Mas adeus, que o muito que tenho a dizer-lhe reserva-o para outra vez

o amigo velho

Chronista da «Voz».

Vida de S. Luiz de Tolosa — Pequenas folhas de propaganda. Preço de cada exemplar 5 réis com as seguintes vantagens:

Quem pagar 10 exemplares recebe.	12
» » 20 » »	25
» » 30 » »	40
» » 50 » »	65
» » 80 » »	100
» » 100 » »	150

De cem para cima dá-se a mais o numero de exemplares igual a metade dos que forem pagos.

Estatutos da Pia União. — 5.ª edição com a qual já passa de 70:000 o numero de exemplares tirados. Preço 10 réis.

Medalhas de Santo Antonio. — Em bronze 200 réis; em aluminio ou metal amarello 180 réis.

Pedidos acompanhados da respectiva importancia, ao snr. Thesoureiro da Pia União — Pharmacia dos Orphãos — Braga.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

Direcção — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Rev.º Padre director da «Voz de S. Antonio», Collegio de S. Boaventura — Braga.

Assignatura — 1\$200 reis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes accresce o importe do correio.